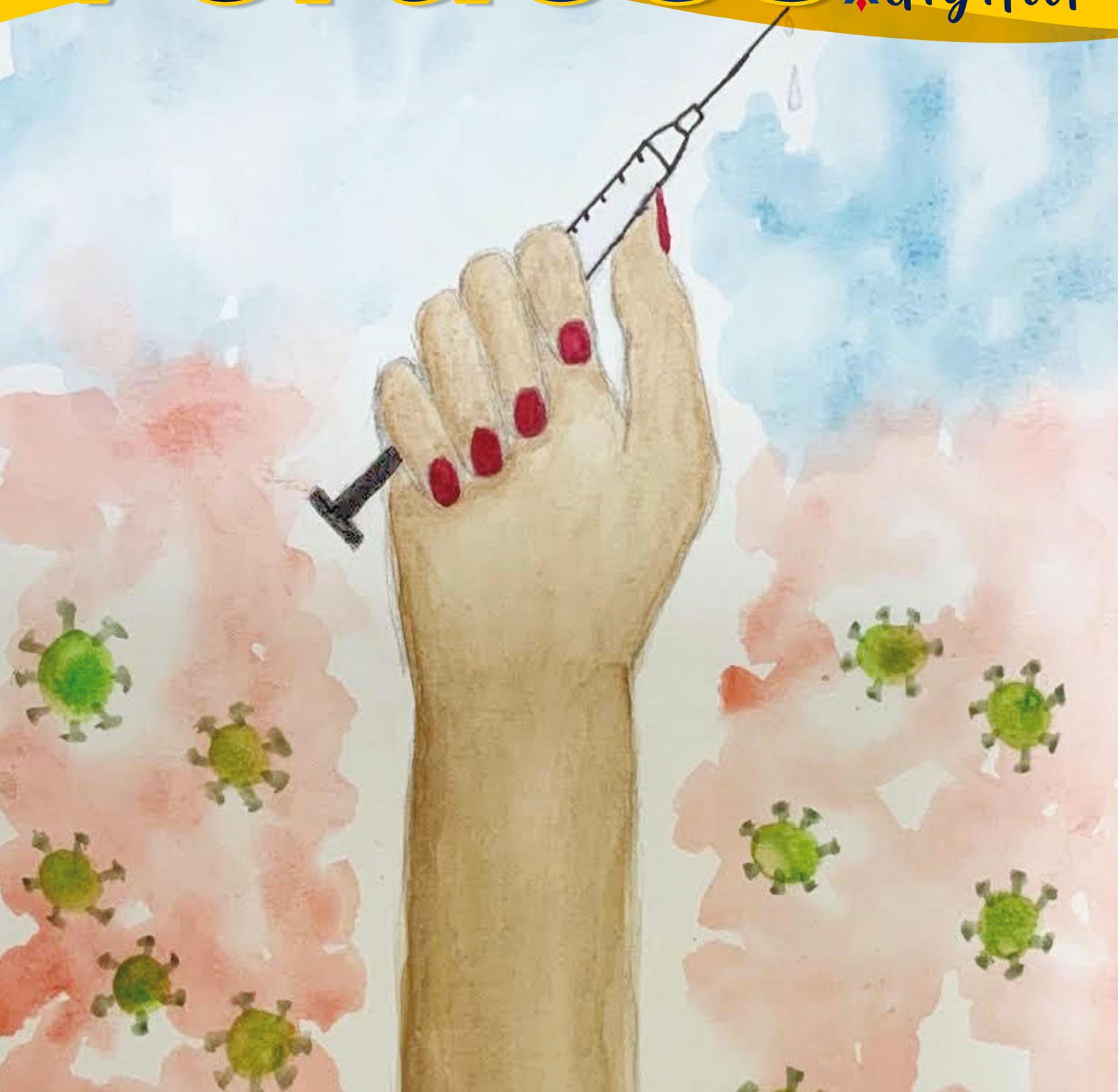


Vértices^{digital}



Expediente

Conselho editorial:
Claudine Alves Willemann
Alunos dos 9^{os} anos de 2020 do Colégio Vértice

Diretoria:
Walkiria Gattermayr Ribeiro

Revisão:
Claudine Alves Willemann

Produção dos textos:
Alunos dos 9^{os} anos de 2020 do Colégio Vértice

Capa:
Alexandra Terzian Simonka

Editora de arte:
Alexandra Terzian Simonka

Contato:
vertice@colegiovertice.com.br

Colégio Vértice
R. Vieira de Moraes, 172 - CEP 04617-000
Campo Belo – SP
TEL/FAX: 11 5533-5500

Editorial

UM ANO ATÍPICO

O ano de 2020 certamente ficará para sempre registrado na História da humanidade e na memória de cada um de nós, pois foi um ano totalmente diferente, que mudou drasticamente nossa forma de trabalhar, de estudar, de se relacionar, enfim, nosso modo de ver e de viver a vida.

Em meados do mês de março, fomos surpreendidos com a notícia de que nossas aulas passariam a ser remotas, pois, devido à Covid-19, todos deveriam ficar em casa para se resguardar da contaminação pelo novo coronavírus.

A adaptação do Colégio Vértice ao modelo online ocorreu de forma bastante rápida e eficiente. Houve grande empenho por parte de todos seus colaboradores para que tudo ocorresse da melhor forma possível e para que o processo de aprendizagem de seus alunos mantivesse o padrão de qualidade que sempre teve.

Também são merecedores de reconhecimento por seus esforços nossos alunos que muito se empenharam em suas novas rotinas de aulas virtuais. Prova disso é esta edição da **Revista Vértices Digital** que traz uma pequena amostra dos diversos textos produzidos em grupos pelas turmas dos 9os Anos, que, mesmo distantes fisicamente, foram capazes de trabalhar em equipe e apresentar trabalhos com excelência.

Foram incontáveis horas de reuniões, encontros online, entrevistas, planejamentos, produções, para que mais uma edição da revista fosse oferecida a nossos leitores, mesmo que estivéssemos experimentando algo nunca vivenciado antes. Reinventamo-nos, e, felizmente, acertamos!

Durante todo esse período de incertezas e de mudanças, o Vértice não parou! Nosso trabalho foi continuado com muita qualidade e aqui está mais uma edição da **Revista Vértices Digital** para vocês, leitores, repleta de conteúdos diversificados, inteiramente preparada por nossos alunos que, mais do que nunca, merecem os parabéns por toda a dedicação, o empenho e a coragem por encararem o novo com muita disposição e competência.

Boa Leitura!

Claudine Alves Willemann
Professora responsável
pela execução do projeto



- 5 Entrevista: Clara Reyes Queija Pazos
Receita Federal: mais que um leão que cobra tributos
- 7 Conto Psicológico
Acorde-me quando tudo acabar
- 8 Entrevista: Leonardo Cozac de Oliveira Neto
O ar que respiramos
- 9 Crônica
A era do patinho feio
- 10 Entrevista: Pedro Ammar Forato
"O passado não garante o sucesso futuro"
- 12 Reportagem: Saúde
Pandemia da Contrafação
- 14 Entrevista: Roberto Badra Sallum
A cidadania aliada à tecnologia
- 15 Crônica
Imbecibilidade Preventiva
- 18 Entrevista: Dra. Sandra Regina Mota Ortiz e Dra. Jane de Eston Armond
"Se você sonha com um mundo mais justo e igualitário, a educação é o caminho"
- 12 Reportagem: Saúde
Psicológico na era do Coronavírus
- 19 Crônica
O centro das atenções
- 20 Reportagem: Saneamento básico
Saneamento básico:
direito de todos, acesso a poucos
- 22 Reportagem: Sociedade
Uma luta a ser vencida
- 25 Debate
- 26 Quiz: Quem é este ou esta bebê?
- 28 Resenhas
- 29 Crônica
Só mais uma piada
- 30 Quiz: Qual a profissão ideal para você?

RECEITA FEDERAL: mais que um leão que cobra tributos



Clara Pazos, servidora da Receita Federal

Diante das milhares de encomendas vindas do exterior, recebidas todos os dias pelos Correios, como identificar que dentro de pacotes, a princípio fora de qualquer suspeita, possa haver algo ilícito?

Esse é o trabalho diário de uma equipe da Receita Federal que, com muita tecnologia, com a ajuda de cães farejadores e com um serviço de inteligência, desmitifica a ideia de que o órgão é somente um leão que cobra tributos.

Convidamos a servidora federal Clara Reyes Queija Pazos, formada em Direito e em Letras, atuante na área aduaneira da Receita Federal há 30 anos, sendo seus últimos 15 anos no Serviço de Postagens Internacionais – SERPI, nos Correios, para nos contar os desafios diários desse trabalho.

De acordo com o *Webshoppers*, cerca de 22 milhões de brasileiros realizaram compras internacionais online no ano passado. Qual o papel da Receita Federal no controle desse crescente *e-commerce*?

O papel da Receita Federal é, antes de tudo, um papel de controle. O Imposto de Importação cobrado nos desembaraços não é só um instrumento arrecadatório. Antes disso, possui vital função regulatória na economia e na Balança Comercial, protegendo o produto industrial brasileiro da competição com mercados predadores e da Pirataria, que, como consequência, retira do mercado nacional os empregos formais. Somado a isso, também temos o controle de drogas e de produtos ilegais na importação e na exportação.

As pechinchas de produtos importados comprados on-line atraem milhares de consumidores brasileiros; entretanto, no momento em que vão retirar suas mercadorias, muitos alegam desconhecer a necessidade de pagar mais taxas para liberar o produto. Que taxas são cobradas pela Receita Federal na liberação da mercadoria e quais produtos são isentos?

Todos os produtos são tratados como Remessas Postais Internacionais, ou seja, são bens ou documentos, de até 50 kg, que chegam ou saem do Brasil transportados pelos Correios, provenientes de compras ou enviados sem custo ao destinatário, como presentes, bagagens etc. Quando a encomenda é uma compra, ela é tributada através de uma DIR (Declaração de Importação de Remessa) e todos os produtos têm a alíquota de 60% de Imposto de Importação.

Não sofrem tributação, ou seja, são isentos de imposto: bens de bagagem desacompanhada (de pessoas que viveram no exterior por mais de 01 ano), livros, revistas, jornais, medicamentos com receita médica e remessas no valor total de US\$ 50,00 (cinquenta dólares americanos), desde que o remetente e o destinatário sejam pessoas físicas.

Mas, o que gera muita confusão e até ações na justiça, são as compras por *e-commerce*, a Receita concede a isenção de até US\$ 50 apenas se considerar que é uma remessa não comercial entre pessoas físicas, pois, ainda que o remetente seja uma pessoa física, na verdade, estará atuando como se pessoa jurídica fosse, afastando a aplicabilidade da isenção.

Segundo a Agência Brasil, os Correios recebem diariamente, em seus três postos, cerca de 100 mil a 300 mil mercadorias. Qual é o tratamento realizado pela Receita para identificar as cargas ilegais em meio a essa alta demanda? Qual a consequência aos envolvidos com o envio – remetente e destinatário?

A Receita Federal possui três unidades de tratamentos de encomendas postais: São Paulo trata o E.M.S. (*“Express Mail Service”*), espécie de SEDEX internacional com entrega em até 7 dias; Rio de Janeiro trata o **Colis Postaux**, espécie de carta registrada com entrega em até 20 dias; e o Paraná trata o **Petit Paquet**, carga de até 3kgs com ou sem registro e entrega em até 60 dias. Nas três unidades, TODOS os volumes passam por *scanners*, em que são separados seguindo critérios de controle. Os produtos separados com supostas irregularidades são tra-

tados pelas equipes de risco da Receita. As mercadorias ilegais são apreendidas e destinadas ao órgão que faz o controle e a destruição. No caso do destinatário, ele pode ser autuado e, em caso de drogas e explosivos, pode até ser preso. Já para o remetente, como está em outro país, os órgãos de controle do país em questão são alertados.

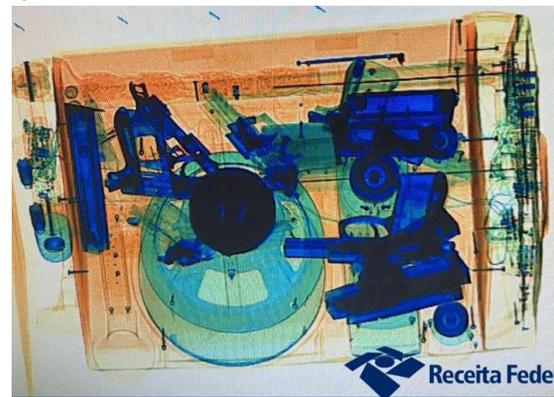


Imagem scanner de armas e munições

Além da Receita Federal, que outros órgãos atuam no desembaraço de mercadorias internacionais nos Correios?

Além da Receita, temos a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) que fiscaliza remédios, produtos médicos, cosméticos; Ministério da Agricultura que fiscaliza alimentos in natura, raízes, plantas, sementes e produtos veterinários; IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) responsável pelo controle de insetos, répteis, penas, fósseis, madeira, produtos químicos, baterias; ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) encarre-

gada por fiscalizar celulares, carregadores, drones e equipamentos que possuam *Wi-Fi*; INMETRO (Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia) que fiscaliza, nos Correios, em sua maioria, brinquedos sem registro; Exército, controla armas, pistola de *airsoft*, munição e simulacros (imitações de armas); e a Polícia Federal que cuida da destruição dos entorpecentes apreendidos pela Receita Federal.

O que é a Equipe K9 da Receita Federal e como esses profissionais atuam na fiscalização de drogas?

A Receita Federal criou, em 2010, o Centro Nacional de Cães de Faro, com equipes conhecidas como K9, compostas por um servidor que atua como condutor e um agente canino treinado para detectar vários odores, como de drogas, dinheiro, tabaco e até munições e explosivos. Os Correios recebem visitas diárias dos cães Bart, Grace e Deco, que chegam a inspecionar 2000 encomendas por dia à procura principalmente de drogas. Importante esclarecer que os cães não são viciados, eles são adestrados para encontrar determinadas substâncias e, como prêmio, recebem o brinquedo preferido, cada cão tem o seu.

De acordo com os dados fornecidos pela pró-



Cães são treinados para auxiliar na identificação de cargas ilegais / Bart - Equipe K9

pria Receita, em 2018 foram apreendidas mais de 4 mil encomendas contendo entorpecentes. Quais são os métodos utilizados pelos traficantes para tentar impedir a identificação de drogas pela Receita Federal?

Na exportação é mais frequente a apreensão de cocaína; já na importação, o mais comum é a apreensão de maconha, haxixe e drogas sintéticas. Apesar de todas as encomendas serem passadas por scanners e apresentadas aos cães, todos os dias enfrentamos as mais inusitadas tentativas, desde entorpecentes escondidos dentro de capas falsas de livros, fundos de caixa, brinquedos, solas de sapatos e chinelos, imagens de Santos, balas e chocolates, cosméticos, eletrônicos; também temos

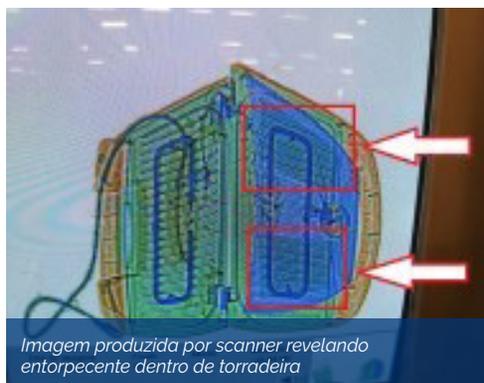


Imagem produzida por scanner revelando entorpecente dentro de torradeira

desafios maiores, como drogas líquidas, misturadas a bebidas ou encharcadas em roupas, ou até mesmo dentro de peças de aço e ferro que devem ser perfuradas com maquinário específico.

145 bilhões de reais foi o prejuízo que a indústria da pirataria causou à economia brasileira só no ano de 2017, segundo o FNCP (Fórum Nacional contra a Pirataria e a Ilegalidade). Qual é a sua opinião sobre esse tipo de prática?

Há muito tempo a Pirataria sangra o mercado industrial brasileiro. Os preços praticados lá fora, principalmente para roupas, calçados, relógio e eletrônicos são muito abaixo dos valores praticados no Brasil. Com exceção da mercadoria trazida dos Estados Unidos, muitos produtos comprados na China, por meio de sites, como o AliExpress, o Gearbest e o LightIn The Box, além de apresentarem baixa qualidade, são fabricados em condições quase desumanas. Sem falar dos produtos piratas que tentam copiar os originais, porém sem seguir o mesmo padrão de qualidade. Além disso, muitos podem fazer mal à saúde, como remédios falsos e óculos sem proteção solar.

Como a Receita Federal identifica a contrafação, ou seja, a falsificação? Quais são os produtos mais falsificados e qual é a sua principal destinação?

A Receita Federal, em trabalho conjunto com os escritórios de MARCAS REGISTRADAS, separa todas as encomendas com características de contrafação para que esses escritórios emitam laudos de autenticidade. As mercadorias originais são enviadas para tributação e as falsificadas são apreendidas e destruídas em sua totalidade. Os itens mais falsificados são celulares e todos os seus acessórios (telas, capas, fones) das marcas Apple, Samsung e Motorola; perfumes e cosméticos Chanel, Dior e Mac; camisetas de futebol e tênis da Nike e da Adidas; bolsas e calçados das marcas Chanel, Dior, Louboutin, Gucci, Prada; óculos de sol e



Relógios e óculos falsificados

armações; relógios das grifes Hublot, Cartier, Bulgari, Omega e Rolex; Brinquedos Matel; camisas das marcas Lacoste, Hugo Boss e Ralf Lauren; citando apenas as principais.

O seu trabalho apresenta desafios diários. Conte-nos algumas das experiências mais marcantes desses anos de trabalho.

Ninguém passa trinta anos na mesma área se não for gratificante. Como disse no início, a maior função desse trabalho é a proteção da sociedade, combatendo o tráfico de drogas formiguinha feito através das encomendas enviadas nos Correios, coibindo a entrada de contrafação, de produtos ilegais, de lavagem de dinheiro.



Animais silvestres destinados ao IBAMA

Todo dia é diferente, logo no início, quando não tínhamos *scanners*, já abri diversas encomendas contendo aranhas caranguejeiras, cobras e escorpiões. Já evacuamos o prédio com suspeita de bomba umas três vezes, já apreendemos peles de animais e até uma raposa empalhada, acabamos com a importação de simulacro de arma. Ou seja, nada tão burocrático para um dia de trabalho.

Por Arthur Damas, Felipe Gabriel Oliveira, Isabela Yumi Sampei, Laura Rodrigues, Pedro Paulo Carneiro e Sophia Pazos. Alunos do 9º Ano C.

ACORDE-ME QUANDO TUDO ACABAR

Eles avisaram. Havia evidências. Muitas. Mas era conveniente não ver. Havia muita incoerência. Diziam que acreditavam, no entanto, os líderes mundiais nada faziam. Interesses econômicos ditavam normas, regras e condutas. Cientistas continuavam alertando para o risco da destruição de florestas, derretimento dos polos e o surgimento de novos vírus e novas doenças. E, foi no mês de dezembro que, em uma cidade na China tudo começou a mudar.

No início de janeiro eu estava no Canadá com meus pais. Naquele momento nossa "preocupação" era desfrutar das maravilhosas paisagens nevadas, da culinária local, dos incríveis museus canadenses. Estávamos "preocupados" com os horários de partida dos trens, com os horários das nossas visitas aos museus e se nossas roupas eram suficientes para aguentar um frio de -30 graus.

Dia 22 de janeiro retornamos ao nosso país, o Brasil, e alguns dias depois viajamos para Belo Horizonte para o aniversário de 95 anos de minha avó. No dia anterior à festa havia caído um aguaceiro e nos "preocupávamos" se a comemoração aconteceria no dia seguinte, pois havíamos planejado um churrasco e convidado toda a família para celebrar mais um ano de vida da minha tão querida avó.

Apenas dois meses depois dessa data tão festiva e de celebrações tão alegres, uma doença devastadora, a COVID-19, chegou ao Brasil depois de ter afetado drasticamente duas grandes regiões mundiais, a Europa e a Ásia. Nosso Governo, em alerta da rápida proliferação do vírus, decretou como medida de segurança o isolamento social, denominado QUARENTENA. Assim, escolas, comércios e empresas fecharam as portas temporariamente, colaborando para a diminuição de pessoas infectadas pelo Novo Coronavírus.

Quando a quarentena foi oficialmente iniciada e o "Fique em Casa" se tornou uma medida obrigatória, pensei naqueles que não tinham casa, não tinham onde ficar, não tinham qualquer abrigo, alimento, ou água para lavar as mãos. O Governador declarou,

num primeiro momento, que a quarentena duraria até 22 de abril, mas, com o passar do tempo, o tão esperado fim do isolamento foi adiado cada vez mais, gerando uma maior preocupação para a população.

Lembro-me desses dias, de estar em casa e contemplar o lindo e dourado pôr do sol todas as tardes, de escutar tucanos, de ver o voo em "V" dos pássaros rumo às árvores do parque, do silêncio. A ausência dos carros nas ruas reduziu a poluição e o ar estava bem mais leve. Diziam que não poderíamos parar, no entanto, um vírus nos parou e o planeta agradeceu. Ocupei meu tempo em pintar aquarelas, tocar um instrumento, cozinhar, ler livros que estavam há muito tempo esperando na estante.

O noticiário indicava o número crescente de contaminados e mortos. O cenário entre os menos favorecidos era assustador. E, enquanto a Organização Mundial da Saúde nos alertava para o fato do vírus ficar mais tempo entre nós, os médicos, enfermeiros e demais profissionais da saúde, bem como os garis e aqueles que trabalhavam em atividades essenciais mereceram toda a nossa gratidão. Todos os dias eles arriscavam a se contaminar e a adoecer gravemente para ajudar aqueles que precisavam de cuidados e de seus serviços. Senti muito orgulho do nosso Sistema Único de Saúde se desdobrando para atender a todos.

Esses foram os dias em que a Terra parou, nunca pensei que viveria uma situação como essa e me lembro agora daquele tempo em que as únicas "preocupações" eram horários de trem, passeios a museus, chuva forte e roupas quentes.

Infelizmente esse período durou mais do que todos imaginávamos. Meses se passaram, mais de um ano... e ainda não havia data para essa pandemia terminar. Mesmo assim, nosso país atingiu a triste marca de ser o segundo com mais óbitos e o terceiro com mais casos da doença.

Mais triste do que a doença em si, foi ver que as pessoas, embora ainda traumatizadas com as consequências dessa enfermidade, em tão pouco tempo, voltaram a se comportar como se nada tivesse acontecido, esquecendo-se dos lindos entardeceres, da empatia, do respeito à vida, enfim... esquecendo-se de tudo o que de fato deveriam ter aprendido com essa triste realidade.



O AR QUE RESPIRAMOS

Muitos donos de empresas procuram investir na fachada para atrair olhares, mas se esquecem de se preocupar com a qualidade do ar que respiram. Porém, a qualidade do ar em ambientes fechados, como em escolas e empresas, é muito importante. Mesmo já havendo leis e uma fiscalização mais rigorosa, a qualidade do ar interno ainda é pouco valorizada e estudada pela população brasileira. Confira a seguir uma entrevista com Leonardo Cozac de Oliveira Neto, CEO de uma empresa que presta serviços de análise e tratamento do ar e da água.

Leonardo Cozac de Oliveira Neto, engenheiro civil e CEO da empresa Confortab

Em um ambiente fechado, grande quantidade de CO₂ circula. Quais podem ser as consequências da presença de CO₂ acima do limite tolerável em ambientes internos, como carros, aviões, salas de aula e salas empresariais?

Quando o gás carbônico está acima do limite, ele é considerado tóxico. Em uma sala de aula cheia, por exemplo, o nível de oxigênio abaixa e o de CO₂ aumenta, causando sonolência, cansaço, irritação, resultando na perda de concentração e prejudicando o rendimento escolar.

Em um carro, o risco é altíssimo, já que o motorista pode ficar com sono, aumentando as chances de um acidente. Além disso, se houver algum tipo de micróbio no ar, a falta da renovação contribui para a contaminação de mais pessoas.

Em muitos automóveis, o motorista tem a opção de não deixar o ar externo circular no interior de seu carro. Diante dessa escolha, como ocorre a renovação do ar no interior do veículo e até mesmo em aviões? É possível garantir a qualidade desse ar?

Os carros têm botões que ativam a renovação do ar aberta ou fechada. Quando fechada, o nível de CO₂ aumenta, o ideal é deixar a renovação sempre aberta e usar filtro, uma tela que faz uma barreira mecânica que retém a poluição de fora do carro e evita a infecção das pessoas dentro dele. O sistema de ar-condicionado de um carro, de uma casa ou de um escritório tem essas características; inclusive, na Europa, já há carros que automaticamente abrem a renovação caso haja um nível de CO₂ acima do limite aceitável. Nos aviões, o conceito é o mesmo, possuem um filtro que retém partículas microscópicas, e grande parte do ar é renovado a cada 30 minutos, garantindo a sua qualidade.

A qualidade do ar é algo ainda pouco discutido no Brasil. Muitas pessoas não sabem da importância de um ar-condicionado com um filtro adequado ou a necessidade de manter ambientes internos ventilados. Quais medidas poderiam ser adotadas para solucionar esse problema?

Na associação em que eu colaboro, há mais de dez anos, vamos à ANVISA em busca de mais ação e atitude, e o que ouvimos lá é que somos os únicos que cobram esse assunto, então, como ninguém cobra, nada é feito, e como nada é feito, ninguém cobra. Após esse momento que estamos passando agora, a pandemia, poderá haver mudança, pois pode ser que as pessoas prestem mais atenção na qualidade do ar do ambiente. Ninguém vai querer ir a um shopping ou cinema sem saber se o ar desses locais é bom, ou se o ambiente está ventilado.

Algumas vezes, a sociedade precisa desses sustos para melhorar. Por exemplo, o incêndio em uma boate no Rio Grande do Sul causou a melhoria de diversos códigos de segurança contra incêndios. Foi necessária uma tragédia para que esses protocolos fossem melhorados. Por isso, às vezes, a sociedade precisa dar passos para trás a favor de evoluir nesses aspectos, acredito que a qualidade do ar evoluirá muito.

Há um mito de que ter plantas dentro de casa é algo prejudicial à qualidade do ar, pois consomem gás oxigênio do ambiente. De fato, é mito ou é verdadeiro?

As plantas em ambientes fechados são um assunto polêmico, pois não há um consenso entre os especialistas, já que existem plantas que melhoram a qualidade do ar e algumas que pioram. Por um lado, a planta pode ser

ruim, porque necessita de um ambiente úmido com a presença de terra, o que favorece o crescimento de microrganismos e bactérias, além de consumir oxigênio e liberar gás carbônico. Por outro lado, as plantas são purificadoras, ou seja, possuem partículas que consomem elementos químicos de ambiente e ajudam na purificação do ar. Portanto, recomenda-se que não haja exagero na quantidade de plantas em ambientes fechados.

O mofo é formado por microrganismos vivos que se proliferam em ambientes úmidos, principalmente em regiões litorâneas devido à presença do mar. Qual é a melhor forma de evitá-lo em residências e em ambientes de trabalho?

O mofo precisa de 3 elementos para se proliferar: temperatura, água (umidade) e matéria orgânica. A temperatura e a matéria orgânica não têm como evitar, já que, o mofo se desenvolve na temperatura ambiente e a matéria orgânica está em todos os locais. O único elemento que é possível controlar é a umidade. O mofo estará propício à proliferação caso a água parada não seque em 48 horas.

A Legionella é uma bactéria que se prolifera em gotículas de água contaminadas presentes no ar. Estimativas afirmam que mais de 5 mil pessoas morrem em decorrência da infecção por essa bactéria por ano no Brasil. Por que ela é tão pouco conhecida e estudada no Brasil e no mundo?

Essa é uma pergunta que não possui resposta precisa, pois não existe explicação lógica oficial para isso.

Uma hipótese seria que a *Legionella* é uma bactéria que se desenvolve em grandes prédios, hotéis e shopping centers que estão

localizados nos grandes centros urbanos e nas regiões ricas da cidade (classes A e B), estando ligada muito ao poder aquisitivo. Uma frase que se usa nos Estados Unidos é “uma doença de rico”, ou seja, não é uma doença que ataca toda a população, portanto não é a prioridade dos órgãos de saúde sanitária, já que estão mais preocupados com doenças que atacam a população inteira.

Outro motivo é que não se trata de uma doença transmissível de pessoa para pessoa em que a população precisa tomar cuidados semelhantes ao que foram tomados na pandemia do coronavírus.

Para as autoridades sanitárias, o controle da *Legionella* é complexo, pois está presente no ar; dificultando sua identificação. Alguns especialistas afirmam que, se esse tema não for bem explicado para a população, pode causar desinformação à sociedade.

De que forma esse tema poderia se tornar uma preocupação e um cuidado público?

Sempre acho que, se a cobrança vem da sociedade, é a melhor forma. Na escola, por exemplo, se isso se tornar uma preocupação para os pais e eles começarem a cobrar uma qualidade do ar mais elevada, ela irá atender ao pedido. Por exemplo, na minha época, não havia a preocupação com a comida da escola, a gente comia qualquer porcaria que a escola desse e ninguém estava preocupado. Hoje, os pais buscam opções mais saudáveis ao invés de refrigerantes, hambúrgueres e batatas fritas. A sociedade começou a evoluir e a cobrar, e as escolas responderam colocando melhores opções. Os colégios não fazem isso por opção, mas porque estão sendo cobrados.

Outra forma possível, que para mim é a mais natural, é a imposição do próprio governo. Darei um exemplo rapidamente: o cigarro. Até alguns anos atrás, o consumo de cigarro era permitido em ambientes fechados, até que vieram leis que proibiram esse tipo de atitude, e a sociedade entendeu, o processo foi perfeito e, atualmente, o fumo em ambientes fechados é proibido em todo o país. Afinal, é um pouco de tudo, a conscientização e a exigência do governo.

Repetindo, tenho certeza de que após a pandemia a sociedade ficará mais atenta com a qualidade do ar que respira.

Por Ana Julia Martins Figaro, Felipe Scanduzzi Cozac de Oliveira, João Paulo Girão Hawthorne, Luca Damico Terada, Renata Tuma Rouhana, Yasmin Haiek Rocha. Alunos do 9º Ano B.

A ERA DO PATINHO FEIO



“Era uma vez, uma mamãe pata que aguardava o nascimento de seus cinco filhotes.

Então, no dia mais quente do verão, quatro dos cinco ovos começaram a rachar. Quatro dias depois, o último ovo se partiu. Quando por fim saiu, viu-se que esse era um pato completamente diferente dos demais. Era grande, feio e não se assemelhava em nada a seus irmãos.

Todos, inclusive seus parentes, perceberam sua peculiaridade dentre os demais e, logo foi julgado, excluído e caçado. Mesmo sofrendo, o patinho feio tentava suportar o preconceito daqueles que, supostamente, deveriam amá-lo e protegê-lo. Contudo, sua presença incomodava sua comunidade que, por fim, decidiu bani-lo”.

Você deve estar se perguntando por que raios estou contando essa história infantil. Na verdade, é bem simples! Estamos, neste exato momento, vivenciando a era do patinho feio. Explico.

O mundo vive hoje uma das maiores ondas migratórias; pessoas são obrigadas a abandonar seus lares, culturas e até mesmo seus familiares, por conta de perseguições políticas ou religiosas, devido a guerras, crises econômicas, entre tantos outros motivos.

Mesmo sofrendo, como somos recebidos? Com discursos de ódio, validados como liberdade de expressão, proferidos por pessoas que se julgam superiores aos demais, que não são capazes de olhar o próximo com o mínimo possível de empatia

Você não imagina como é ser recebido com uma Marcha Anti-Imigração na Avenida Paulista, ou ser acolhido por abrigos periféricos, longe de tudo e de todos, com regras abusivas, e ameaças constantes de extradição a cada questionamento que ousamos fazer.

Dizem que somos responsáveis por nossas escolhas. Mas como podemos chamar a luta pela vida de escolha? Quem, em sã consciência, escolhe deixar seu passado para trás? Quem escolhe abandonar seu lar, familiares, amigos? Se estamos aqui é porque precisamos, por uma questão de sobrevivência, não por uma questão de escolha.

Indiferente da nação em que nascemos, somos, em primeiro lugar, seres humanos, humanos iguais a qualquer outro, seja homem ou mulher.

Por isso, façamos jus a nossa condição de humano e sejamos racionais, sem agir como o bando do pobre patinho feio, excluindo, mal tratando, abandonando. Que sejamos um só povo, uma só espécie, que possamos conviver em harmonia, dividindo o mesmo espaço, a mesma terra.

Por Henrique de Souza Adri, Isabela Yumi Sampei, Katherine Warwick Parker de Sá Leitão, Pedro Paulo Mendonça Carneiro. Alunos do 9º Ano C. Ilustração de Eduarda Willemann.

“O PASSADO NÃO GARANTE O SUCESSO FUTURO”

Muito se discute acerca da Bolsa de Valores, mas será que todos compreendem como funciona e de que se trata de fato? A fim de esclarecer esse tema, convidamos Pedro Ammar Forato, administrador de empresa e atuante no mercado financeiro há 35 anos, para uma entrevista sobre um dos principais assuntos econômicos do país.

Pedro defende a ideia de que a Bolsa de Valores é um “ambiente de negociação de ações que engloba um universo de empresas bastante diversificado”, e que, ao investir em ações, o investidor torna-se “sócio de grandes empresas, acreditando em seus potenciais de crescimento e valorização”. Mas, nesta entrevista, Pedro também adverte quanto aos riscos que se corre ao investir de forma errada ou arriscada. Confira e aprimore seus conhecimentos com as dicas desse especialista no assunto.



Na bolsa existem ações de várias empresas sendo comercializadas, algumas são mais recomendadas que outras, ou seja, algumas possuem mais estabilidade e valem mais. Qual seria a sua orientação para que seus clientes façam boas escolhas de empresas para investimento? O que uma empresa deve fazer para vender suas ações na bolsa e quais são as consequências?

A bolsa é um ambiente de negociação de ações que engloba um universo de empresas bastante diversificado. Nela temos empresas gigantes, tradicionais, com muitos anos de existência e outras nem tão grandes, nem mesmo tão antigas. O mundo é dinâmico, as novas ideias aparecem e muitas empresas vão surgindo. Não quer dizer que as menores são menos lucrativas ou menos interessantes do que as maiores.

Para fazer boas escolhas, é importante saber se a empresa é bem administrada e tentar entender suas perspectivas de crescimento, olhar para frente.

Uma empresa, para entrar na bolsa, deve se organizar para isso, profissionalizando sua gestão, abrindo as informações para o público. Quem adquire as ações transfere dinheiro para as empresas, tornando-se sócio, mesmo que através de uma pequena parte, dependendo de quantas ações adquire. Com a en-

trada de novos sócios, as obrigações aumentam, com isso, deve haver transparência nas informações e na prestação de contas para os acionistas para que haja confiança em investir naquela empresa. O ideal é conhecer a empresa, olhar seus resultados e perspectivas.

Paulo Guedes, atual Ministro da Economia, é a favor da manutenção do tripé macroeconômico e tem uma visão mais voltada para a iniciativa privada e a desestatização de empresas públicas, com o objetivo de promover melhoria das empresas estatais e a economia do país em geral. Já Guido Mantega era a favor de uma maior participação do estado na economia. Com isso podemos perceber que as propostas dos dois governos, atual e anterior, são diferentes. Em qual desses, na sua opinião, a economia foi mais valorizada? Por que o senhor acredita que isso acontece?

A política econômica do atual governo é mais voltada para o mercado, com menor participação do Estado. Acredito que o Estado deva se concentrar naquilo que é essencial, como Saúde, Educação e Segurança, cabendo ao Governo definir as diretrizes para o desenvolvimento do país, estabelecendo regras claras para que haja investimentos por parte da iniciativa privada e, conseqüentemente, propiciar o desenvolvimento do país.

Com a política atual e as reformas em andamento, o país caminhava para a recuperação do crescimento depois de ter passado por um período de recessão. Com a pandemia da Covid-19, instalou-se uma crise mundial, e ainda não temos ideia de quando sairemos dela. Esse evento, imponderável, afeta, momentaneamente, os planos de recuperação.

Ao investir, é importante buscar vários setores, para que não haja a concentração do capital em um único setor; para isso as bolsas possuem carteiras de investimento que oferecem diferentes empresas ao cliente para investir. Qual seria a distribuição adequada de carteira de investimento de acordo com a bolsa brasileira?

É sempre bom uma diversificação de ativos, não apostar todas as fichas em uma única empresa ou em um mesmo setor. Na hora de fazer as escolhas é importante ter em mente quais setores da economia têm apresentado boas perspectivas de crescimento e, dentro desses setores, quais as companhias estão bem posicionadas para crescer e proporcionar bons resultados. Por exemplo, o setor de tecnologia ou empresas ligadas ao *e-commerce* são setores que estão se beneficiando dessa nova realidade e podem continuar crescendo nesse mundo digitalizado. O setor de

alimentos também pode ser considerado. As escolhas devem ser reavaliadas de tempos em tempos, pois vivemos em um mundo muito dinâmico que exige atualização constante.

As empresas com capital aberto permitem a venda e a compra de suas ações. Essa compra e venda de ações beneficiam as empresas? E quanto ao comprador?

A empresa quando abre o capital, vende parte de suas ações através do mercado de capitais, a Bolsa de Valores. Muitas empresas, à medida que vão crescendo e se profissionalizando, se deparam com a necessidade de obter recursos para poder implementar o seu plano de desenvolvimento. Elas podem suprir essa necessidade através de crédito, o que gera endividamento, ou captando recursos através do mercado de ações. Nesse caso, estariam buscando novos sócios, sem aumentar o endividamento. Nesse processo de venda de ações, a empresa é beneficiada com a entrada de novos recursos e, assim, pode implementar sua estratégia em busca de seus objetivos.

Se a empresa conseguir crescer, ter bons lucros, suas ações tendem a se valorizar, e quem comprou as ações ganha com a valorização. Na prática, todos que compram ações, mesmo que em pequenas quantidades, são sócios da empresa. Como sócio, o investidor se beneficia dos bons resultados, bem como pode ter prejuízos no caso de haver maus resultados.

Durante a pandemia ocorrida no início de 2020, especificamente em março desse mesmo ano, a base de CPFs registrados como investidores na B3 teve sua maior alta, de 15%, atingindo novo recorde com 2,24 milhões de pessoas físicas. A que o senhor atribui essa alta, mesmo em um período de grande instabilidade econômica?

A renda fixa sempre foi muito forte no país, as taxas de juros eram muito altas, incentivando a grande massa dos investidores a direcionarem seus recursos para esse tipo de investimento. Ganhava-se muito com o dinheiro rendendo juros. Nos últimos anos, o país vem derrubando suas taxas de juros, fazendo com que os investidores revejam suas estratégias de investimentos. Para quem não está satisfeito com os rendimentos da renda fixa atual e quer obter maiores ganhos, terá que buscar outros tipos de investimentos. Somente no ano passado, o mercado de ações teve uma valorização de 32%, frente a aproximadamente 5,95 % da renda fixa, o que vem chamando a atenção dos investidores. Com a perspectiva de maiores ganhos,

as pessoas físicas começaram a migrar parte de seus investimentos para esse mercado. No mês de março, tivemos uma grande queda no preço das ações motivada pela crise da Covid-19. Isso pode ter motivado muitos investidores a entrarem nesse mercado, aproveitando os preços mais baixos. O que justifica, em parte, o aumento do número de investidores.

Muitas pessoas, além de suas profissões, optam por investir em ações, mesmo isso sendo arriscado. Por que, na sua opinião, essas escolhas são feitas? Quais são os maiores erros cometidos por esses acionistas?

Parte do dinheiro que as pessoas ganham através de suas atividades deve ser direcionada para uma poupança, quer seja para um objetivo de curto prazo, como uma viagem; ou mesmo para objetivos mais distantes, como a aposentadoria. A ideia de investir em ações é a de ser sócio de grandes empresas, acreditando em seus potenciais de crescimento e valorização. Podemos ser sócios de uma empresa de petróleo sem entender nada sobre como administrar uma empresa dessa natureza, ou mesmo de uma rede de lanchonetes/restaurantes, ou uma empresa de tecnologia etc. O investimento em ações deve ser feito sempre pensando no longo prazo, para evitar ter que resgatar o dinheiro em momento de queda das ações. Não significa que no curto prazo não se possa ter boas valorizações, mas imprevistos acontecem. O maior erro dos investidores é vender suas ações depois de uma forte queda, quando, na teoria, deveriam estar comprando. Por exemplo, se eu quero comprar um carro que custa R\$ 100 mil, e vem uma crise e ele passa a ser vendido por R\$ 70 mil, quando é melhor comprar? Na queda, obviamente. O mesmo acontece com as ações, muita gente acredita que elas vão cair indefinidamente e que irão perder todo o dinheiro investido. O mais importante é saber o quanto da poupança de cada um deve ser direcionado para ações, não comprometer seu orçamento, nem investir dinheiro que possa precisar no curto prazo. Ter em mente que as ações podem ter oscilações negativas e que, em momentos como esse, as pessoas não devem se desesperar.

Além de investidores, é comum no mercado de capital a presença de especuladores. Qual é a função dessas pessoas? Elas são importantes para o mercado? Por quê?

Os especuladores compram e vendem ações com maior frequência do que aqueles que

compram para investimento de longo prazo. Com isso, eles acabam ajudando no processo de liquidez para o mercado, atendendo muitas vezes quem precisa vender ou comprar uma determinada ação.

O mercado de capitais, constituído pelas bolsas de valores, sociedades corretoras e outras instituições financeiras autorizadas, é fundamental para a economia de qualquer país. Por quê? Baseando-se nesse fato, por que é necessário que as pessoas tenham mais conhecimento sobre a bolsa de valores?

O mercado de capitais é essencial para o apoio e crescimento das empresas, gerando alternativas para captação de recursos. Esse processo pode ajudar no crescimento e na geração de empregos. Propiciar renda aos trabalhadores implica em um aumento do consumo, de poupança, gerando um ciclo virtuoso.

A bolsa é uma das maneiras de fomentar esse desenvolvimento. Importante que as pessoas tenham a noção de onde estão investindo, de qual empresa estão comprando ações, para que o façam com segurança. Afinal, através do mercado de ações você pode ser sócio de boas empresas.

Como alguém bastante experiente na área, que conselhos daria àqueles que querem começar a investir em ações? Quais são os principais cuidados?

Para quem quer começar a investir em ações, uma alternativa são os fundos de investimento, uma espécie de condomínio em que as pessoas compram cotas e contam com a experiência de profissionais que farão a gestão do dinheiro do fundo, escolhendo suas ações. Nesse caso, procurar um fundo com histórico de competência é importante, bem como a experiência e qualificação do gestor. O passado não garante o sucesso futuro, mas é uma boa referência. Para quem quer aplicar diretamente, comprando ações, deve estudar as empresas e respectivos setores em busca de boas escolhas. Lembrando que, por serem ativos de renda variável, e que podem sofrer com quedas inesperadas, o investidor deve tomar cuidado ao determinar o quanto de sua poupança irá investir, deve direcionar, preferencialmente, a parcela de seu patrimônio que pode ficar aplicado por prazos maiores, por pelo menos 5 anos.

Por Bruna Baccani Garcia, Gabriel Rabelo Ferretti, Julia Dente Fernandes, Marcela de Mello Assi, Rafael Coimbra Maesano e Roberto Chammas Sasdelli. Alunos do 9º Ano B.

PANDEMIA DA CONTRAFAÇÃO

A Indústria da contrafação se aproveita da urgência por diversos produtos necessários durante o período de pandemia para lucrar cada vez mais com o “novo normal”

Não é de hoje que a sociedade brasileira é contaminada pela permissividade na compra de produtos falsificados e contrafeitos. De acordo com estudo realizado pela SPC Brasil (Sistema de informações para a Câmara de Dirigentes Lojistas) e pelo portal Meu Bolso Feliz (conhecido programa de educação financeira), sete em cada dez consumidores (69%) já compraram produtos não originais. Segundo a mesma pesquisa, a motivação da compra seria o baixo preço das falsificações comparado aos originais; assim, os consumidores, predominantemente jovens de baixa escolaridade, pertencentes a classe C, estabelecem uma relação custo-benefício, na qual o consumidor está disposto a aceitar um item inferior desde que o preço compense, o que, na maioria das vezes, não ocorre, já que os entrevistados avaliam como ruim a qualidade dos produtos falsificados que adquiriram (média de 2,1 de 10).

Além da relação custo-benefício, outra motivação para esse comportamento estaria relacionada a valores simbólicos atribuídos pela mídia e por redes sociais ao consumo de luxo, como status, distinção, autorrealização e prazer. Comprar esse tipo de produto, ainda que falsificado, confere ao consumidor a sensação de fazer parte de um grupo mistificado e desejado.

Porém, os riscos da compra de itens falsificados estão mais altos do que nunca para o consumidor na atual pandemia de Covid-19, na qual o status garantido por esse tipo de produto pode custar a saúde de seus usuários.

MASCARANDO A REALIDADE

Na atual pandemia de Covid-19, as máscaras de proteção, seja para o trabalho em hospitais ou para ir ao parque, tornaram-se acessório obrigatório. Com isso, a indústria da contrafação aproveitou a oportunidade e passou a utilizar etiquetas e símbolos de marcas para atrair consumidores e encarecer seus produtos, disponibilizando-os em sites da internet, em redes sociais e em muitos camelôs nas diversas áreas de comércio popular, sem qualquer tipo de certificação.

Uma das diversas ações policiais com o intuito de combater a falsificação desses produtos ocorreu no dia 24 de março de 2020, quando foram apreendidas mais de 5 mil máscaras de proteção com logos falsos de marcas registradas e de times de futebol, todas sem documentação fiscal. Segundo os investigadores, um caminhão que trouxe os equipamentos do Pa-

Kit Contendo 10 Máscaras De Marcas Famosas

2 / 5



Máscaras de marcas “famosas” contrafeitas anunciadas no site do Mercado Livre

raná já havia transportado outras 20 mil máscaras falsificadas, que também foram apreendidas. Essa alta na falsificação das máscaras, principalmente no mês de abril, é resultado da adaptação das indústrias de contrafação ao novo normal da pandemia, ocasionando altas perdas econômicas para as indústrias formais, além de riscos para a saúde dos brasileiros que as compram.

De acordo com a ASAE de Portugal, Autoridade de Segurança Alimentar e Económica, órgão que constatou as primeiras falsificações na Europa, “as máscaras, quando contrafeitas ou não certificadas, apesar de constituírem sempre, por si só, uma barreira física adicional, poderão induzir o consumidor à ideia de que o artigo confere um grau de proteção maior do que aquele que efetivamente tem”. Compartilha a mesma opinião a doutora Adelly Oliveira que afirma existirem estudos para justificar e não recomendar o uso de determinados tipos de máscaras. Declara também que as consequências do mal uso desse acessório estende-se para além de seus usuários, que, por se considerarem protegidos, poderão contaminar outros.

Para se salvaguardar do problema em relação à proteção, a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) publicou a Resolução nº 1480, que determinou a interdição cautelar de uso para Importação de Máscaras do tipo N95, PFF2 ou equivalentes que não demonstraram eficiência mínima de filtragem de partículas de 95%. A resolução da Anvisa lista os fabricantes da China, cuja qualidade das máscaras foram reprovadas e só permite a reclassificação mediante laudo do Inmetro.



Eficiência das máscaras de acordo com a qualidade de seus materiais (Imagem disponível aqui)

A PANDEMIA DE DROGAS RUINS

Já antes da pandemia, de acordo com um levantamento realizado pela Organização Mundial da Saúde, em 2017, de todos os medicamentos consumidos em países em desenvolvimento, como o Brasil, um terço deles são falsos.

Segundo a farmacêutica Karina Pedrotti, a participação do Brasil no Sistema Mundial de Vigilância e Monitorização da OMS para Produtos Médicos de Qualidade Inferior e Falsificados, GSMS (Global Surveillance and Monitoring System), vem qualificando o país nos processos destinados à proteção da saúde pública. Em paralelo, a Anvisa normatizou que as indústrias farmacêuticas e farmácias de manipulação, devem ter seu processo de fabricação total-

mente rastreável; desde a compra da matéria-prima, até seus fornecedores. A produção do medicamento segue uma série de etapas, realizadas dentro de um Procedimento Operacional Padrão (POP).

Karina ressalta que essas medidas vinham diminuindo o número de falsificações no mercado nacional, mas, com a pandemia, houve o aumento de compras realizadas pela internet, principalmente em sites de importações não idôneos no exterior. Ela lembra também que a venda de medicamentos falsos pode levar à prisão dos envolvidos e que vender medicamentos sem registro no Brasil é enquadrado no crime de tráfico de drogas.

A Anvisa emitiu, em junho de 2020, um alerta sobre o aumento da falsificação de medicamentos, na maioria oriundos de importações. Entre as falsificações, estão remédios para distúrbio do crescimento, obesidade e diabetes.

A ANTIPREVENÇÃO À COVID-19

Outro item de prevenção que se tornou um dos produtos mais procurados no mercado durante a pandemia da Covid-19 foi o álcool em gel, tendo um aumento de 4.261% no *e-commerce* de acordo com estudo elaborado pelo aplicativo Compre e Confie, que busca evitar fraudes em compras on-line.



Compra online de remédios cresceu na pandemia, principalmente em sites internacionais, fortalecendo a indústria da contrafação (Disponível aqui)

Assim, não demorou muito para surgirem produtos falsificados com a composição adulterada; muitas farmácias de manipulação e até fábricas clandestinas passaram a fornecer o item sem controle de qualidade da matéria prima utilizada. Preocupados com a situação, pesquisadores da Uni-

versidade Federal do Paraná decidiram oferecer testes gratuitos do álcool em gel para a população de todo país a partir de um equipamento chamado espectrômetro de ressonância magnética nuclear, e, para a surpresa de alguns dos voluntários, a composição da maioria dos produtos estava muito abaixo do índice recomendado, que é a concentração mínima de 70%.

“A olho nu a identificação do álcool em gel falsificado é praticamente impossível, só um laboratório é capaz de identificá-lo; a substância química fora das normas de segurança pode provocar ressecamento exagerado da pele e até levar à morte por danos causados ao sistema nervoso”, salienta a farmacêutica Karina Pedrotti.

Para regulamentar a produção e venda do álcool em gel, a Anvisa publicou a resolução 350, que define critérios para produtos antissépticos ou sanitizantes contra a Covid-19.

Já a resolução RDC 377/2020 da Anvisa autorizou, em caráter temporário a venda de testes rápidos para Covid-19 em farmácias, visando atenuar a emergência de saúde pública internacional relacionada ao novo coronavírus. Regulamentações como essa foram criadas para coibir as diversas importações de kits de testagem e insumos falsos ou de qualidade inferior distribuídos no início da decretação de calamidade pública. Diversas irregularidades na compra de testes estão sendo apuradas através da Operação Falso-Negativo, em deferentes estados.

COMO ESSE CRIME AFETA OS BRASILEIROS

(os malefícios da compra e consumo de produtos médicos falsificados)

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 15% do mercado internacional é composto por medicamentos falsificados, ou seja, produtos que são embalados de forma intencional e fraudu-

lenta e ou rotulados incorretamente; não respeitam sua origem ou identidade, e sua fórmula original pode conter alterações e adulterações.

Os prejuízos financeiros da falsificação desses produtos podem ser o menor dos problemas quando pensamos nos malefícios à saúde dos consumidores. Isso ocorre devido ao fato de os medicamentos falsificados serem produzidos em laboratórios ilegais e terem ingredientes ativos, datas de validade, embalagens e métodos de administração adulterados, além de não atenderem às rígidas regulamentações do órgão de fiscalização sanitária, portanto, não têm eficácia comprovada e são totalmente imprevisíveis quanto a reações no organismo humano.

Indivíduos que precisam urgentemente de soluções rápidas compram esses medicamentos falsificados de vendedores ambulantes, em sites ilegais e farmácias clandestinas, sem considerar que a dosagem e os compostos ativos desses medicamentos não são devidamente controlados para que possam ser administrados a partir de substâncias totalmente seguras ao corpo.

Assim, é possível fazer um paralelo entre o coronavírus, que é mais letal em pessoas com doenças preexistentes; e a indústria da contrafação, que se aproveita de países emergentes em que a população é ludibriada por itens falsificados e valoriza mais o custo-benefício do item do que sua própria saúde, provando, mesmo em uma Pandemia Mundial, ser tão difícil de erradicar quanto o próprio vírus.

ANVISA

A Agência de Vigilância Sanitária tem ganhado maior destaque neste ano, principalmente devido à pandemia ocasionada pelo novo coronavírus. Para saber mais sobre as atividades realizadas por esse órgão, convidamos a Sra. Elisa da Silva Braga Boccia, Chefe do Departamento de Saúde Pública da Anvisa no Aeroporto de Guarulhos, para uma entrevista, a fim de nos esclarecer os procedimentos usados pelo órgão no tratamento de mercadorias falsificadas.

Criada pela Lei nº 9.782, de 26 de janeiro 1999, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) é uma autarquia sob regime especial, tendo por finalidade institucional promover a proteção da saúde da população por intermédio do controle sanitário da produção e consumo de produtos e serviços submetidos à vigilância sanitária.

A agência é dividida em equipes de Farmacovigilância, Tecnovigilância, Nutrivigilância, Hemovigilância, Biovigilância e Vigilância de Cosméticos e Saneantes.

Quando ocorre a importação de produtos irregulares ou falsificados, e esse desvio é verificado no momento da importação, o Regulamento Sanitário da Importação prevê a interdição imediata da mercadoria, e, após os trâmites aduaneiros e sanitários, os produtos são destruídos. Não podem ser leiloados, doados, ou incorporados à Instituições públicas. A Anvisa, no caso de produtos importados não nacionalizados, acompanha o processo de destruição.

No caso de identificação de produtos com desvios de qualidade ou falsificados já disponibilizados no mercado nacional, cabe à Vigilância Sanitária do Município ou do Estado a solicitação de retirada desses produtos do mercado e o acompanhamento de sua destruição.

Para facilitar a consulta aos produtos irregulares utilizados para o enfrentamento da Covid-19, a Anvisa publica painéis no portal.anvisa.gov.br contendo os produtos e as medidas restritivas adotadas para proteger a saúde da população e dos profissionais de saúde.

Por Felipe Gabriel Monteiro Olibeira, Isabela Yumi Sampei, Isabelle Rappaport, José Alves Wipfli, Norton Luka Pedrotti Sayeg, Pedro Paulo Mendonça Carneiro e Sophia Pazos da Silva. Alunos do 9º Ano C.

A CIDADANIA ALIADA À TECNOLOGIA



Conforme as cidades se expandem e o número de habitantes aumenta, os problemas urbanos, conseqüentemente, também serão maiores e mais diversificados.

Diante disso, administrá-los não é uma tarefa fácil. Pensando em agilizar o processo de resolução desses problemas, o empresário Roberto Badra Sallum, graduado em Engenharia Mecânica pela universidade Mackenzie e pós graduado em Executividade de Gestões Públicas pela FGV, criou o aplicativo QZela, cujo principal objetivo é, por meio da observação da população, tornar os problemas urbanos visíveis às autoridades. Confira!



Quando o Senhor descobriu/percebeu que os problemas urbanos realmente eram uma questão a ser trabalhada em nossa sociedade? Qual foi sua principal motivação para criar o aplicativo?

Foi durante minha jornada profissional. Percebi que tanto os órgãos públicos quanto as empresas privadas não se atentavam para o quanto a tecnologia poderia gerar de eficiência para fazer gestão de serviços públicos, e o quanto isso refletiria na qualidade de vida dos munícipes que pagam seus impostos.

O Senhor teve alguma inspiração para a criação do aplicativo? Se sim, qual(is) foi(ram)?

Várias inspirações.

Tecnologia – se compararmos o nosso cérebro com um computador, chegamos à conclusão de que os algoritmos matemáticos são capazes de processar uma quantidade de informações muito maior do que o nosso cérebro, e numa velocidade infinitamente maior. Então, não faz sentido pensar em empreender nos tempos atuais em algo que não envolva tecnologia, inteligência artificial (IA), business intelligence (BI) e machine learning. Essa inspiração me fez ficar dia após dia a pensar em como eu poderia fazer a diferença através da tecnologia.

Política Pública – quando pensamos em política pública, a primeira premissa que temos que ter em mente é que deve haver vantagem para a sociedade. Mas uma política pública, para ser implementada e dar certo, precisa também ter pontos vantajosos para o setor público e para o privado. Tem que ser um “ganha-ganha”. Essa inspiração me fez criar uma plataforma de serviço que atende à sociedade no aspecto de

criar um canal direto para dialogar com os gestores responsáveis pelas soluções dos problemas, como proporcionar aos gestores públicos e privados uma ferramenta completa de governança e gestão para que possam, de forma planejada, ganhar produtividade, reduzir custos e ter elementos para tomada de decisão.

Experiência e conhecimento – a experiência adquirida ao longo dos anos me mostrava que o poder público precisa de uma transformação, de uma modernização na forma de fazer gestão pública. Essa também foi uma grande inspiração, pois eu tinha certeza, por experiência de um case de sucesso, quando tive que gerir um contrato de concessão em uma cidade como São Paulo, de que a experiência, aliada à tecnologia, traria um enorme benefício a todos.

Quais são os problemas relatados com mais frequência pelo aplicativo “QZela” e quais são os motivos pelo crescente aumento desses problemas?

O QZela possui em seu menu de opções 40 segmentos de zeladoria urbana com mais de 400 tipos de categorias de problemas que podem ser apontados pelos munícipes. Estatisticamente, os mais frequentes são problemas em calçadas, buracos em vias, veículos abandonados, descarte irregular de lixo, árvores e galhos com necessidade de poda.

São vários os motivos geradores de problemas urbanos.

Sob o aspecto de infraestrutura básica, tem falta de planejamento do poder público, recursos mal alocados para obras de infraestrutura, falta de projetos de qualidade, desconinuidade de projetos devido à mudança de

governos. Isso ocorre muito nos segmentos que necessitam de um plano de governo, como saneamento, vias e pavimentação. Todos esses segmentos impactam no dia a dia da cidade e na necessidade de uma zeladoria urbana eficiente.

Sob o aspecto legal (jurídico), atrapalha muito a quantidade de Leis que se sobrepõe para um determinado tema. O ideal seriam legislações consolidadas para zeladoria urbana. Por exemplo, em São Paulo a legislação para construção e manutenção de calçadas traz como responsável o proprietário do imóvel. Porém, a Prefeitura não tem fiscais suficientes para notificar ou autuar esses proprietários, então acabamos tendo muitas ocorrências de calçadas apontadas pelos pedestres e, no final, a Prefeitura é que arca com a solução. Vale salientar que essa legislação pode mudar de município para município.

Sob o aspecto de contratação do poder público, existe a Lei de licitações que obrigatoriamente deve ser seguida pelos órgãos públicos, porém algumas modalidades para essas contratações já estão ultrapassadas, pois engessam demais a agilidade operacional do prestador de serviços contratado. O ideal é que o modelo caminhe cada vez mais para que o prestador de serviço tenha liberdade para fazer sua gestão, tendo que cumprir metas de desempenho quantitativas e qualitativas para receber sua remuneração, ao invés de receber por um serviço unitário prestado. Vamos ao exemplo: o famoso tapa-buraco em vias é realizado pela empresa contratada na medida em que recebe uma OS (Ordem de Serviço) do órgão responsável da Prefeitura para tapar um buraco em determi-

Com o QZela, você aponta os problemas da cidade.

O cidadão tem agora um canal fácil para ajudar a solucionar problemas.

Basta tirar uma foto

e criar um alerta para os gestores públicos.



nado endereço. O ideal é que esse prestador seja contratado para cuidar e tapar de todas as vias de um determinado bairro. Ou seja, ao invés de conseguir realizar 10 tapa-buracos em um dia com uma equipe de trabalho, vai conseguir realizar 50 tapa-buracos com a mesma equipe. Por quê? Pois se ele é responsável pelo bairro e tem que cumprir metas quantitativas e qualitativas, estará dimensionado operacionalmente para isso e, se ele tiver o QZela Corp contratado, ele consegue antecipar seu planejamento, roteirizar seus percursos e ganhar produtividade. E assim ocorre com todos os segmentos de zeladoria urbana.

Conclusão: na medida em que vamos resolvendo esses problemas da gestão pública, com sua modernização, começamos a ter uma cidade melhor para todos.

Com funciona o aplicativo quando ocorre uma denúncia de algum problema urbano? A quem são repassadas essas denúncias?

Os dados gerados pelos munícipes no app QZela são processados por inteligência artificial e armazenados em um banco de dados (big data), que é disponibilizado aos gestores públicos e privados, responsáveis pela solução dos problemas através de uma plataforma chamada QZela Corp.

Os problemas urbanos, principalmente nas grandes cidades, apresentam aumento crescente nos dias de hoje, interferindo de maneira excessiva no cotidiano da população. Dadas essas condições, por que o Senhor acha que poucas pessoas empreendem no tema?

Esse é um tema que está muito intrínseco nos órgãos públicos que são os conhecedores dos mecanismos técnicos, operacionais e legais do setor de governo e as empresas privadas se acostumaram com esse *modus operandi*, ou seja: tem uma acomodação aparente tanto entre os gestores públicos, quanto entre os políticos em geral, assim como também há no setor privado. Nós temos a oportunidade de fazer a diferença numa transição necessária e obrigatória para a modernização da gestão pública.

Baseado em sua vasta experiência no assunto, que conselhos daria aos nossos governantes e à população em geral com relação aos problemas presentes em nossa sociedade?

Nos dias de hoje, os empreendedores precisam se reinventar, inovar, "sair da caixinha". Não adianta fazer mais do mesmo, é preciso fazer diferente! É uma questão de sobrevivência das empresas, uma vez que a tecnologia está cada vez mais presente em nossos bolsos.

Para os nossos governantes, o conselho é também sair da caixinha, modernizar a gestão pública, deixar os problemas políticos partidários em segundo plano e colocar as sociedades em primeiro plano. Focar em políticas públicas em que todos ganham, como o QZela, aplicativo no qual conseguimos construir uma política pública completa, traduzida em tecnologia.

Por Arthur Moraes Silvestre, Gabriel Gubeissi Badra Sallum, Isabelle Rappaport, Mirella Garcia Polyceno Bernardes, Luiz Felipe de Moraes Vieira Brandão.
Alunos do 9º Ano C.

Imbecilidade Preventiva

Uma coisa é certa. As vacinas foram a causa da redução da mortalidade infantil que, nos anos 60, atingia cerca de cem crianças a cada mil habitantes. Se hoje vivemos mais, certamente é graças a essas pequenas doses que doem, mas nos salvam de inúmeras mazelas que assombram o mundo humano. Arrisco-me a dizer que as vacinas foram o maior avanço da medicina, pois asseguraram aos pobres mortais uns aninhos a mais de vida. Porém, mesmo com todos esses dados positivos, ainda existem pessoas desinformadas que, inacreditavelmente, acreditam que vacinas sejam responsáveis por ocasionar males nos vacinados.



Mas todo esse absurdo tem uma origem! Tudo começou com um relatório falsificado, feito por um charlatão que queria pôr um fim às vacinações, ligando a tríplice viral ao autismo, com o objetivo de lucrar com um imunizante que ele mesmo havia criado, tentando convencer as pessoas sem conhecimento sobre o insucesso das vacinas. Logo, nem mesmo o criador do movimento antivacina era, de fato, antivacina, já que seu antídoto era uma vacina. Um começo nada legítimo para um movimento que tem tomado proporções assustadoras. Esse fato seria cômico se não fosse trágico.

Isso porque, a maior parte dos antivacinas, que se autodenominam conhecedores profundos do assunto, buscam seu tão vasto e precioso conhecimento nas redes sociais, uma das maiores disseminadoras de Fake News. Dentre todas as várias notícias sem o mínimo sentido, há aquelas que afirmam haver metais pesados nos imunizantes, causando problemas relacionados à genética ou à má formação do feto na gravidez.

Infelizmente, esse movimento já vem deixando suas marcas. Pergunte a alguém nascido próximo aos anos 2000 se conhece uma pessoa que sofra de poliomielite ou que tenha falecido devido ao sarampo. Certamente a resposta será NÃO, já que as tão questionadas vacinas foram capazes, sim, de erradicar muitas doenças. Mas a idiotice desse movimento é tamanha que já ultrapassa os limites do absurdo a ponto de permitir que doenças já extintas voltem a assombrar a humanidade.

Como ocorreu, em 2013, em que houve uma queda drástica no número de vacinações contra o sarampo no Brasil, possibilitando um surto dessa doença em nosso território, resultando em muitas mortes. Agora, pergunto: quem foi o responsável por essas mortes? O sarampo, que, na época, já havia sido erradicado? Os pais, que não vacinaram seus filhos, e fizeram com que doenças voltassem à tona? Ou o governo, que falhou em disponibilizar as vacinas, e fez com que virassem privilégio restrito aos que estão dispostos a frequentar postos de saúde que só funcionam em horário comercial, enquanto a maior parte dos cidadãos trabalha?

Fica aí a reflexão: fato é fato, o resto é só bobagem. Saúde é coisa séria! Com ela não se brinca!

Por Giovanna Begliomini Reis Lobo, Júlia Biazetti Armani, Matheus Chiba Kamergorodsky, Norton Luka Pedroti Sayeg. Alunos do 9º Ano C.
Ilustração de Júlia Uyeda Ogawa.

“Se você sonha com um mundo mais justo e igualitário, a educação é o caminho”



Dra. Sandra Regina Mota Ortiz e Dra. Jane de Eston Armond, pesquisadoras e professoras universitárias

Ao longo dos últimos anos, as universidades têm se tornado mais democráticas devido às cotas, que permitiram acesso à educação superior às classes menos favorecidas. Entretanto, infelizmente, essas mesmas instituições que progrediram em termos de acesso, hoje têm sofrido com cortes de verbas na área de pesquisa e de ciências, uma vez que houve redução na concessão de bolsas para alunos, além de cortes em investimentos para a realização de diversos trabalhos.

Para esclarecer esses assuntos de grande importância para o desenvolvimento de nosso país, convidamos as Professoras Dra. Sandra Regina Mota Ortiz e Dra. Jane de Eston Armond para uma entrevista, uma vez que, em seu cotidiano esses são temas frequentes.

Sandra Ortiz atualmente atua como professora na Universidade Municipal de São Caetano do Sul e na Universidade São Judas Tadeu, é pesquisadora há mais de 25 anos na área de Neurociências, e graduada em Ciências Biológicas, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutora em Fisiologia Humana pelo Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo.

Jane de Eston Armond, professora de Saúde Pública e pesquisadora, exerce o cargo de Diretora do curso de Medicina da Universidade de Santo Amaro, é graduada em Medicina pela Faculdade de Medicina de Taubaté, mestre e doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo.

Por se tratar de um assunto de grande relevância para o desenvolvimento de nosso país, é importante que acessemos informações verídicas, provenientes de profissionais de respeito que o vivenciam diariamente em sua prática. Confira!

Em 2011, foi criada a Lei 12.711, que estabeleceu o sistema de cotas no Brasil. Várias pessoas passaram a criticar o fato dessa lei beneficiar alunos de baixa renda, negros e indígenas. A seu ver, o Sistema de Cotas é necessário no Brasil? Por quê?

Dra. Sandra Regina Mota Ortiz - Eu considero o Sistema de Cotas uma lei de fundamental importância para o Brasil, uma vez que estudantes de baixa renda, negros e indígenas, infelizmente, não possuem acesso a um ensino de qualidade que permite o ingresso a universidades públicas, por exemplo, onde a competição premia estudantes de maior poder aquisitivo, que frequentaram escolas privadas. Também não encontram nas universidades privadas uma possibilidade de ensino, pelos valores de mensalidades, incompatíveis com suas realidades sociais. Ainda vivemos em um país em que a desigualdade social prevalece.

Dra. Jane de Eston Armond - A meu ver, não necessitaríamos de cotas se a Educação Básica

fosse muito melhor, dando a todos a oportunidade de disputar as vagas em condição de igualdade.

Muitas pessoas não compreendem corretamente a Lei de Cotas, a senhora poderia explicar, de forma breve, como funciona na prática essa lei?

Dra. Sandra Ortiz - Dentro do sistema de cotas, metade das vagas deverá ser preenchida por estudantes com renda familiar mensal por pessoa igual ou menor a 1,5 salário mínimo e a outra metade com renda maior que 1,5 salário mínimo. A distribuição das vagas da cota racial e de deficiência é feita de acordo com a proporção de indígenas, negros, pardos e portadores de necessidades especiais da unidade da federação onde está situado o campus da universidade, centro ou instituto federal. Isso significa, por exemplo, que, em um estado com maior número de negros, haverá mais vagas destinadas a esse grupo racial.

É bastante comum ouvirmos que o Sistema de Cotas prejudica o andamento dos cursos de graduação. A senhora considera essa inclusão algo prejudicial ao sistema educacional?

Dra. Sandra Ortiz - Eu discordo totalmente. O que prejudica o andamento dos cursos de graduação não é o ingresso de jovens que não tiveram a mesma base no ensino fundamental e médio. O que prejudica o andamento dos cursos de graduação é a discrepância no ensino fundamental e médio em escolas públicas e privadas. Um ensino público de qualidade, com a valorização do trabalho do professor, colocaria todos em igualdade. Não é acabando com as cotas que resolveremos essa discrepância. É com a valorização do ensino público de qualidade.

Dra. Jane de Eston - Para o andamento do curso, propriamente não, porém verifica-se, muitas vezes, dificuldades para o acompanhamento do curso, vindas dos próprios discentes.

Um novo estudo da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, concluiu que o Sistema de Cotas Brasileiro é eficiente. De acordo com seu conhecimento e com sua experiência acadêmica, de que forma o sistema de cotas é benéfico para o desenvolvimento do país?

Dra. Sandra Ortiz - O Sistema de Cotas permite o acesso de jovens ao ensino superior que fatalmente não teriam acesso se ele não existisse. O acesso desses jovens ao ensino superior contribui para seu crescimento social e de sua família, o que melhora o desenvolvimento socioeconômico do país.

De acordo com diversos estudos, os alunos que entram por cotas nas universidades públicas têm notas similares às dos demais estudantes e não apresentam taxa de evasão significativa. A que a senhora associa esse resultado?

Dra. Sandra Ortiz - Esse resultado é reflexo do quanto o acesso à educação é motivador para o desenvolvimento humano. Um estudante cotista sabe que a educação é a possibilidade de mudar sua condição social, portanto se dedica a isso.

Quais são as maiores dificuldades encontradas pelos alunos ao ingressarem em uma universidade pelo sistema de cotas?

Dra. Sandra Ortiz - A maior dificuldade está na inserção social. Muitos alunos cotistas são estigmatizados quanto a sua condição, como sendo privilegiados pelo sistema e não merecedores de estarem no ensino superior. Os mesmos que afirmam que as cotas prejudicam os cursos de graduação são os que discriminam esses jovens.

Sabe-se que as cotas têm como principal objetivo integrar as camadas mais excluídas ao sistema educacional superior brasileiro. Pode-se afirmar que as cotas são suficientes para integrar essas camadas à sociedade ou seriam necessárias outras medidas?

Dra. Sandra Ortiz - As cotas representam um primeiro passo para essa integração social, mas não são suficientes, por exemplo, para garantir o acesso às mesmas oportunidades de emprego. Penso que medidas adicionais de incentivo à inserção profissional sejam necessárias.

Dra. Jane de Eston - Como já referi, deveria haver políticas públicas educacionais que dessem aos alunos conhecimento e competências suficientes para poderem competir em condições de igualdade.

Muitas pessoas afirmam que as cotas intensi-

ficam o bullying e geram o "racismo reverso", em que o branco seria o oprimido. A senhora concorda com tal pensamento?

Dra. Sandra Ortiz - Eu discordo totalmente do fato de que o branco é oprimido por esse sistema. É só avaliarmos historicamente como negros e indígenas foram excluídos. O bullying e o racismo reverso surgem do próprio branco que se vitima por não estar na sua posição de privilegiado.

Dra. Jane de Eston - Não concordo, pois só tenho notícia de bullying contra os cotistas.

Como professora universitária, responsável pela formação de inúmeros profissionais brasileiros, como descreveria a educação em nosso país?

Dra. Sandra Ortiz - Sou uma defensora da educação e do seu poder transformador, por isso, me dói profundamente constatar que a educação brasileira por décadas não tem sido colocada como prioridade dos nossos líderes governamentais, sejam federais, estaduais ou municipais. A educação, assim como a ciência, motores do desenvolvimento social e tecnológico não tem recebido o cuidado necessário, seja pela não valorização de professores ou pelas péssimas condições de infraestrutura de muitas escolas. Penso que o não investimento em educação venha do interesse em se manter uma sociedade passiva, não reflexiva e manipulável.

Dra. Jane de Eston - Ela não é para todos. O ensino público na educação básica vem se deteriorando; já foi ensino padrão em outras épocas, quando as pessoas disputavam as escolas públicas, pois eram melhores do que as particulares. Hoje, as particulares estão em situação melhor, porém não são acessíveis a todos. Faltam os princípios de equidade e igualdade na educação.

Durante a pandemia ocasionada pela COVID-19, inúmeras universidades cederam seus espaços e alunos para estudar as propriedades do vírus, mesmo com seus laboratórios bastante defasados e desprovidos de materiais essenciais. Se contássemos com investimentos na área da saúde e da pesquisa, teríamos chance de desenvolver medicamentos e descobertas científicas de forma mais rápida e eficaz?

Dra. Sandra Ortiz - Não tenho dúvidas de que sim. O investimento em pesquisas na área da saúde colocaria a ciência brasileira em posição de destaque e em condições de desenvolvimento tecnológico de ponta. Vocês já viram o que fazemos com tão pouco? O quanto a

ciência brasileira é capaz, mesmo sendo massacrada pelos cortes?

Desde 2016, acentuando-se em 2019 e 2020, a ciência brasileira vem sofrendo com cortes de investimentos, com isso, muitos pesquisadores decidem estudar fora do Brasil. Que consequência o Brasil terá a curto, médio e longo prazo?

Dra. Sandra Ortiz - A consequência é simples e clara: o não desenvolvimento tecnológico do país e a dependência de tecnologia externa.

Dra. Jane de Eston - Uma perda irreparável de pessoas brilhantes e a diminuição de pesquisas de ponta, trazendo atraso para nosso desenvolvimento.

Em países como o Japão, Coreia do Sul e Estados Unidos, companhias privadas investem mais de 60% de seu capital em Pesquisa e Desenvolvimento. Essas nações são exemplos na área da ciência e da economia. A senhora considera o investimento nessas áreas um fator necessário e determinante para o desenvolvimento de um país?

Dra. Sandra Ortiz - Eu considero que, mais importante do que o investimento privado em pesquisa, é o investimento público na ciência e na educação. Os países citados são exemplos desse investimento e o capital privado só corrobora com algo que já existe. Não podemos transferir para o capital privado a responsabilidade que cabe ao Estado, mas podemos co-responsabilizar companhias privadas desse papel, uma vez que elas se beneficiam do desenvolvimento do país.

Que recado deixaria aos jovens estudantes brasileiros que sonham em ingressar em um curso universitário?

Dra. Sandra Ortiz - A educação tem o poder de transformar uma sociedade e, com isso, tem o poder de transformar o mundo. Como disse Paulo Freire, a educação tem o poder de transformar o indivíduo e, com a sua transformação, o poder de transformar uma sociedade. Se você sonha com um mundo mais justo e igualitário, a educação é o caminho.

Dra. Jane de Eston - Estudem e dediquem-se muito durante o ensino básico e médio. Façam boas escolhas e pesquisem muito antes de escolher uma carreira, para não se frustrarem depois.

Por Bruna Chie Takata Adachi, Eduarda Willemann, Henrique Ribeiro do Valle Armond, Mateus Mota Ortiz, Pedro Hessel Nogueira e Rafaela Antunes Rodrigues. Alunos do 9º Ano A.

PSICOLÓGICO NA ERA DO Coronavírus

A pandemia do coronavírus não causou somente prejuízos físicos nos indivíduos, mas também intensificou danos psicológicos



O isolamento social agravou o quadro mental daqueles que já eram psicologicamente comprometidos

Distúrbios mentais começaram a ser discutidos mais seriamente no final do último século e, hoje, têm grande notoriedade no ramo da saúde. Em meio a esse destaque, um novo obstáculo surgiu, a quarentena, a qual foi consequência da pandemia que abalou o ano de 2020. A quarentena pode, e conseguiu, piorar os distúrbios mentais ou até fazer com que diversos se originassem. Durante esse período, a saúde mental de diversas pessoas foi prejudicada, e problemas, como abuso de substâncias, ansiedade e depressão tem vindo à tona nesse momento difícil, em que muitos enfrentam problemas relacionados à instabilidade financeira e diminuição significativa na interação social.

Segundo a psicóloga Fernanda Spangler, graduada em psicologia na Universidade Fumec/BH e com especialização em terapia cognitiva comportamental para infância e adolescência na Comportalmente/SP, “os sintomas psicológicos estão relacionados às fases da epidemia”. A especialista afirma que a primeira dessas fases seria a mudança radical no estilo de vida, que envolve a rotina e as capacidades de interação. Durante essa fase, a reação é o medo de ser contaminado pela ameaça invisível. Esse estresse aumenta ainda mais com a diminuição do contato, já que a necessidade de interação social existe, e, com o medo, fica impossibilitada, gerando o estresse agudo como outra reação dessa fase. “A epidemia é, portanto, um forte fator de estresse que, por sua vez, é fator causal de desequilíbrios neurofisiológicos”, defende Fernanda.

“A segunda fase da epidemia está relacionada ao confinamento compulsório, que exige uma mudança forçada na rotina. Nessa fase, são comuns as manifestações de desamparo, tédio e raiva pela perda da liberdade”. A psicóloga diz que esses comportamentos são reações de ajustamento situacional, assim como a ansiedade e a irritabilidade, entretanto

trazem preocupação aos profissionais da área quando passam a ser um problema direto na funcionalidade do indivíduo.

“A terceira fase está relacionada às possíveis perdas econômicas e afetivas decorrentes da epidemia”, afirma a terapeuta; isso pode eventualmente gerar sequelas maiores quando a perda é muito alta, podendo causar depressão com risco de suicídio ou estresse pós-traumático.

OS EXTREMOS DA FAIXA ETÁRIA NA PANDEMIA

Porém, além da depressão e da ansiedade, outras consequências da pandemia podem vir à tona durante esse período de quarentena. Além disso, há grupos que são mais suscetíveis a seus efeitos que outros, como jovens, por exemplo, que, com o fechamento das escolas, sofrem com a solidão que afeta diretamente seu desenvolvimento psicológico e acadêmico.

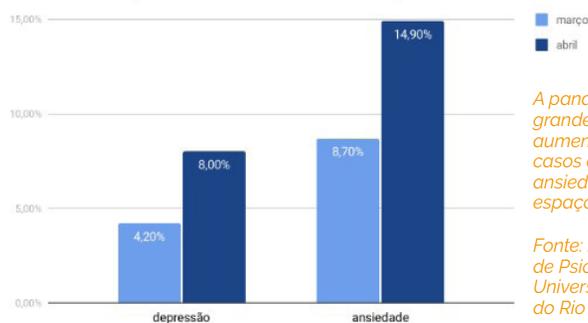
Fernanda Spangler comenta que as crianças, além de serem afetadas pela diminuição do contato, também são afetadas por seus próprios pais, que mantêm suas rotinas de trabalho, porém dentro de casa, o que pode gerar o sentimento de abandono nos filhos, já que, embora os pais estejam presentes, não podem dar atenção aos pequenos, solicitando, muitas vezes, seu afastamento, seu silêncio para não atrapalhar a rotina de trabalho. Esse sentimento, somado às condições e à situação pandêmica de isolamento, podem acarretar em um estresse tóxico; gerando uma “interrupção do desenvolvimento saudável do cérebro, o que leva a mudanças bruscas no comportamento, diminuição da imunidade, ansiedade e depressão”, afirma a especialista.

“Sem aulas, as crianças passam mais tempo em casa e podem ser expostas mais facilmente à violência e à negligência familiar. A convivência prolongada, de 24 horas por dia, sete dias por semana, sem o apoio do ambiente escolar, pode ser o estopim para acentuar casos de depressão”, ou seja, pode resultar em problemas psicológicos piores do que alterações comportamentais leves.

Essas mudanças manifestam-se desde alterações de humor - mudança vivenciada por cerca de 75% das crianças, como mostra uma pesquisa feita com médicos pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) em parceria com a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) – até alterações no sono e aumento de peso. Essas sequelas surgem como consequência do cenário pandêmico, em que as crianças têm usado excessivamente eletrônicos, e suas rotinas estão desorganizadas, além do estresse vindo da própria família.

Os adolescentes tendem a apresentar maior dificuldade para se adaptar e, como consequência, acabam sofrendo prejuízos psicossociais,

Aumento da depressão e ansiedade entre março e abril



A pandemia foi a grande responsável pelo aumento no número de casos de depressão e ansiedade em um curto espaço de tempo

Fonte: Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

como alterações comportamentais. A psicóloga Fernanda afirma que muitas dificuldades podem surgir a partir da maior sensibilidade emocional dos adolescentes, causada pelas transformações inerentes dessa fase da vida, "Privados de encontrar os amigos, afastados da sala de aula e com o futuro escolar incerto, adolescentes dos quatro cantos do mundo se viram obrigados a repensar e reorganizar não só as próprias rotinas, mas também a forma de encará-las".

Ainda de acordo com a especialista, são os adolescentes os mais vulneráveis a essa situação, e podem vir a enfrentar crises de ansiedade, fobias, depressão e transtorno de estresse pós-traumático mais frequentemente. Alguns sintomas decorrentes dessas patologias, conforme explica a psiquiatra Jaqueline Bifano são a perda de interesse por coisas das quais gostava, choro fácil, alterações no apetite, além de sintomas físicos, como taquicardia, tremor, dor de cabeça e tontura.

Partindo de um extremo a outro, ao analisar a faixa etária mais idosa, percebe-se algo estarrecedor. De acordo com a professora doutora Leila Tardivo da USP, durante a quarentena, os idosos representaram a maior taxa de suicídio, isso devido à solidão acentuada pelo isolamento social que, para eles foi bastante severo, já que apresentavam maiores riscos de adoecerem.

Por fim, essa quarentena demonstrou ser um grande gatilho para três transtornos em especial: o estresse, a ansiedade, e o pânico. O estresse é um fator que pode levar à ativação de diversos transtornos mentais. A ansiedade provavelmente será mais recorrente durante o isolamento do que antes, dado que há um sentimento de incerteza em relação ao futuro; além de também poder acarretar o pânico.

Soluções para minimizar o pânico é a busca por informações precisas sobre a doença, o estímulo ao reconhecimento de que o isolamento faz parte de uma atitude altruísta, realizada em prol de um benefício social.

O QUE FAZER PARA AMENIZAR ESSES PROBLEMAS?

A quarentena pode gerar uma série de problemas, logo, para amenizá-los, é possível tomar uma série de atitudes. Fernanda afirma que o principal seria evitar o pessimismo, abraçar uma rotina e tornar as coisas mais leves.

Na tentativa de se manter informado, é quase impossível não ter uma sobrecarga de informações negativas, então saber filtrá-las é essencial para nossa saúde mental. É importante também manter contato com outras pessoas, amigos, parentes etc., usufruindo da tecnologia e das redes sociais, "Faça coisas de que gosta, como ouvir música, ler um livro, assistir a um filme, aproveitar o tempo disponível".

A psicóloga também sugere novos aprendizados, como um novo idioma. Além disso, passar tempo de qualidade com a família, investir no autocuidado, em meditação, malhar e criar uma rotina são atitudes importantes. "Mesmo estando em casa, vale estabelecer horários para trabalho, lazer e autocuidado."



O estresse, a ansiedade e o pânico podem ser indícios de algo maior

Por Arthur do Amaral Canabrava Damas, Eduarda Baggio Caliman, Julia Uyeda Ogawa, Katherine Warwick Parker de Sá Leitão, Matheus Chiba Kamergorodsky e Sergio Dall'Aqua Barbosa. Alunos do 9º Ano C.

O CENTRO DAS ATENÇÕES

Todo dia a mesma coisa. O mesmo processo. As mesmas câmeras. Os mesmos guardas. Nada pode fugir do controle.

Não posso nem sair do carro sem antes ser minimamente vistoriado. Aqueles homens uniformizados, com seus crachás em evidência, sempre se aproximam com um olhar atento, como se estivessem à procura de algo, enquanto me mantém entre duas grandes e grossas grades de metal, numa verdadeira clausura. Como se isso não bastasse, intimidadores e angustiantes olhos de vidro, observando cada movimento, me acompanham de forma ininterrupta, violando completamente minha pouca, ou quase nenhuma, privacidade. Parece que sou sempre o centro das atenções.



Sempre que o segundo portão se abre, sinto-me, por alguns míseros instantes, livre. Isso até deixar o veículo e chegar ao próximo obstáculo. Diante dos meus olhos, uma grotesca e intimidadora porta de aço, que reforça o aspecto cinzento da vigilância que me domina, sempre se interpõe entre mim e meu destino. Atrás dela, uma cabine sufocante que impiedosamente espera para aprisionar e violar minha alma por alguns poucos segundos, mas que, para meu azar, sempre parecem ser uma eternidade.

Em uma das paredes dessa asfíxiante câmara de aço, numerosos e escuros botões compõem o estranho e sombrio caráter do cárcere, juntamente com os mesmos olhos de vidro, que incansavelmente controlam cada um dos meus passos, revelando-os a uma central repleta de televisores. Um código, como os daqueles utilizados nos robustos cofres dos bancos, é rotineiramente requisitado para que eu chegue ao destino de sempre. Ao digitá-lo corretamente, a cela se movimenta e, em pouco tempo, me liberta desse controle indiscriminado.

Por fim, ansiosamente, tiro as chaves de meu bolso, e, num momento de alívio, abro a simples e reconfortante porta de meu apartamento, livre de qualquer forma de vigilância, a qual, mesmo incômoda, é essencial a minha segurança nessa cidade tão insegura.

Por Gabriel Gubeissi Badra Sallum, Eduarda Baggio Caliman, Giovanna Rita Couto Bezerra Leite, Luiz Felipe de Morais Vieira Brandão. Alunos do 9º Ano C. Ilustração de Sofia Ferreira.

SANEAMENTO BÁSICO: direito de todos, acesso a poucos



De acordo com o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento de 2018, no Brasil, 100 milhões de brasileiros não têm acesso à coleta de esgoto. **Disponível aqui**

Mesmo recebendo muitos investimentos, a estrutura e o gerenciamento do saneamento básico brasileiro não são adequados, ocasionando inúmeros problemas para a saúde e a economia brasileira

No Brasil, com a Constituição de 1988, foi assegurado a todo cidadão brasileiro o conjunto de serviços, infraestrutura e instalações operacionais de abastecimento de água, coleta de esgoto sanitário, limpeza urbana, drenagem urbana, manejos de resíduos sólidos e de águas pluviais. Porém, mesmo havendo essa garantia legal, infelizmente, esse direito não é assegurado a todo cidadão brasileiro. Dessa forma, foi necessária a criação de uma nova lei, a Lei 11.445/2007, a fim de tentar garantir a universalização dos serviços públicos de saneamento básico.

Isso porque, atualmente, no Brasil, cerca de 100 milhões de pessoas vivem sem esgoto tratado e mais de 35 milhões não têm acesso à água potável, segundo o especialista em hidro saneamento, Italo Joffily.

A tentativa mais recente de reverter essa situação é o **Novo Marco de Saneamento Básico** cujo principal objetivo é garantir saneamento a todos até o ano de 2033. Suas principais metas são: (1) entrada dos serviços da iniciativa privada por meio de licitações; (2) maior acesso à água potável, ao tratamento e à coleta de esgoto; (3) estabelecimento de normas pela Agência Nacional de Águas (ANA) em relação aos padrões de qualidade na prestação, manutenção e operação dos sistemas de saneamento básico, padronização dos contratos e controle tarifário dos serviços públicos e redução da perda de água; e (4) fim dos lixões a céu aberto até 31 de dezembro de 2020, com exceção dos municípios com planos municipais de resíduos.

PROBLEMAS DO SANEAMENTO

Segundo a Lei do Saneamento Básico, é de responsabilidade dos municípios garantir o acesso à água potável e ao tratamento de esgoto a toda a população. Entretanto, a esfera municipal não tem total capacidade de investimento e de gerenciamento, por ser uma estrutura federativa com baixo poder de atuação e de interferência nas decisões

e afazeres públicos, tendo como consequência, a passagem de 70% das operações municipais para empresas estaduais.

De acordo com Joffily, a falta de investimento e de gerenciamento se devem ao fato de o saneamento básico ser uma obra historicamente invisível, ou seja, de não haver apelo político, “então, entre fazer uma estrada ou uma obra de saneamento, fazia-se estrada”.

Outro motivo para a falta de saneamento básico foi a desorganização no processo de criação das cidades brasileiras. Italo explica que a expansão das cidades ocorreu por meio da invasão e consolidação de moradias em terrenos de regiões periféricas. Nessas áreas, não se tem vias públicas, iluminação, escolas, hospitais, transporte público e saneamento básico devido à falta de auxílio e de planejamento estatal.

Outro problema que dificulta o desenvolvimento dos projetos relacionados ao saneamento básico, segundo o especialista em hidro saneamento, é o fato de a gestão estar conectada com o ciclo político, isto é, “Cada grupo político é um ciclo totalmente diferente do serviço de saneamento”. Somado a isso, essas empresas são frágeis financeiramente, já que não recebem investimentos externos e não possuem infraestrutura adequada.

Uma das tentativas do governo para lidar com a debilidade do sistema público de saneamento foi a introdução dos serviços privados, por meio de um ambiente mais amigável a investidores e operadores, além da facilitação no processo regulatório. Essa transição ocorreu, já que o serviço privado é mais eficiente quando comparado ao serviço público, por ter maior capacidade de investimento. De acordo com Italo, transições como essa já aconteceram no Brasil, como a com as companhias de telefonia. Antigamente o serviço de telefonia era de dever público, mas devido à ineficiência, todas as operações de telefonia públicas tornaram-se privadas, e, a partir desse ocorrido, o acesso à telefonia se expandiu.



A SABESP é uma empresa de economia mista e de capital aberto de saneamento básico de São Paulo que, quando levado em consideração seu número de clientes, é considerada uma das maiores empresas de saneamento do mundo. **Disponível aqui**

AS DOENÇAS

A falta de saneamento básico - como a falta de água potável, coleta e tratamento de esgoto, drenagem das águas das chuvas e coleta de lixo - causa diversos problemas de saúde, dentre eles muitas doenças infecciosas.

Segundo a infectologista Cilmara Polido, essas doenças são causadas por vírus, bactérias, e vermes, por exemplo dengue, salmonela, *Ascaris lumbricoides*, respectivamente. A propagação de doenças pode ocorrer pela ingestão de água ou alimentos contaminados ou ainda por meio de solo, rios ou lagoas contaminados por dejetos, bem como através de águas de enchentes. Em relação aos arbovírus, a transmissão se dá pela picada do mosquito transmissor que se reproduz com facilidade em ambientes em que haja acúmulo de lixo ou de água da chuva.

Infelizmente, há poucas maneiras de o indivíduo se prevenir das doenças ocasionadas pela falta de saneamento básico, uma vez que está inserido em um ambiente inóspito. Entretanto, de acordo com a

infectologista Adriana Kono algumas práticas podem ser realizadas a fim de se evitar contaminações, como ferver a água antes de consumi-la, lavar frutas e verduras com água potável, evitar o acúmulo de lixo e de objetos que possam servir como criadouros para mosquitos.

Essas medidas são importantes, porque, com o acúmulo de lixo, o solo fica contaminado, e o indivíduo fica exposto a verminoses (*ancilostomíase e necatoríase*) e, com o acúmulo de águas da chuva, o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, zika e chikunguya, prolifera-se rapidamente. Logo, deve-se evitar andar descalço, para ficar menos exposto às doenças, assim como deve-se evitar o contato com enchentes, rios poluídos e ambientes insalubres, para evitar a contaminação de leptospirose, causada pela urina de rato.



A diarreia é uma das doenças mais frequentes causadas pela falta de saneamento básico no Brasil. **Disponível aqui**

A CIDADE COM O MELHOR SANEAMENTO BÁSICO

Santos é uma das primeiras cidades do Brasil a alcançar a universalização dos serviços de saneamento básico, pois, de acordo com o Vereador Fabricio Cardoso, Santos recebeu investimentos ao longo dos anos e aplicou-os de acordo com os planejamentos feitos, visando benfeitorias para a população.

Hoje, 100% da população do município têm acesso à água potável; 99,93% das residências têm coleta de esgoto; e 97,64% do volume de esgoto são tratados.

Além disso, Santos se destaca na economia de água durante sua distribuição, pois, de acordo com o especialista em hidro saneamento, Italo Joffily, 50% de toda a água tratada é perdida no Brasil, entretanto, no município apenas 14,28% da água é perdida.

Isso porque inúmeras medidas foram tomadas em Santos para evitar esse desperdício, entre elas o controle de pressão automatizado através de centro de controle operacional com monitoramento das variáveis hidráulicas, pesquisa de vazamentos. Também investiu-se no incentivo de hábitos conscientes na população, como desligar a torneira enquanto escova os dentes, não jogar lixo ou papel higiênico no vaso, pois pode entupir o encanamento, conservar a descarga regulada e reparar vazamentos, são alguns exemplos.

Como resultado, a universalização do saneamento básico garante melhor qualidade de vida à população e preservação do meio ambiente, já que dá o destino adequado aos resíduos em aterros sanitários, fornece o abastecimento a coleta seletiva, o tratamento de água e a manutenção dos sistemas de esgotos.



Por Anna Clara Magalhães Freires, Carolina Fortuna Hochheimer, Gustavo Gonçalves Benedetti, Helena Coimbra Maesano, Ibrahim Gabriel Sayed, Miguel Bernáth Liao e Rafael Alvarez de Carvalho Ruthes. Alunos do 9º Ano A.

Uma luta a ser vencida

Mesmo com uma das leis mais exemplares para o combate à agressão contra a mulher, o Brasil ainda exhibe números vergonhosos de violência doméstica

A cada uma hora, mais de 500 mulheres são agredidas no Brasil

Embora nos últimos anos importantes iniciativas governamentais tenham sido adotadas para o combate à violência contra a mulher, esse é um mal que a sociedade ainda precisa extinguir. Isso porque, fica cada vez mais evidente que a mulher continua sendo vulnerável a diversos tipos de abusos.

Um dos fatores para o aumento do abuso doméstico à mulher, em 2020, foi a quarentena, que era para ser benéfica, mas que acabou sendo extremamente negativa para algumas pessoas, uma vez que, muitas mulheres tiveram que ficar reclusas dentro de suas casas com seus próprios agressores.

De acordo com Mariana Apude, estudante de Medicina da Faculdade Albert Einstein, por incrível que pareça, essa mudança de comportamento acarretou na diminuição da realização de denúncias de abuso doméstico, mas não nos episódios de agressão.

Isso porque, muitas mulheres, durante esse período, encontraram-se impossibilitadas de saírem de seus lares para registrarem o ocorrido, ou por pertencerem ao grupo de risco, ou também por temerem serem reprimidas mais uma vez por seus agressores, que se tratam de seus próprios companheiros, os quais tornaram-se mais violentos e passaram a agredi-las com mais frequência.

O aumento da intensidade da violência sofrida em casa pode ser um possível motivo para o aumento em 46%, dos casos de feminicídios no Estado de São Paulo comparando março de 2019 a março de 2020, de acordo com o estudo **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que apresenta inúmeros dados e gráficos sobre o tópico.

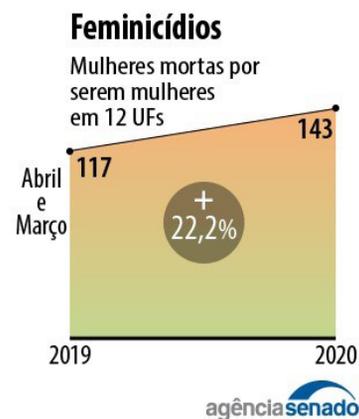
A fim de conter esse aumento da violência doméstica durante a pandemia, o Governo Federal lançou o aplicativo **Direitos Humanos Brasil** (disponível para os sistemas Android e IOS) para que vítimas denunciem essa prática de forma identificada ou anônima. Além disso, ainda há os canais **Disque 100** e **Disque 180**, que já funcionavam e permaneceram ativos durante a pandemia.

Já o governo estadual de São Paulo disponibilizou, por meio do site www.delegaciaeletronica.policiaocivil.sp.gov.br/ssp-de-cidadao/home o **Boletim de Ocorrência Eletrônico**, para que vítimas de violência doméstica possam registrar on-line uma ocorrência sem que tenham que se dirigir a uma delegacia. Esses registros devem ser analisados com prioridade.

FEMINICÍDIO

O feminicídio é o assassinato de uma mulher apenas pelo fato de ela ser mulher, e é algo mais comum do que se imagina. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado de São Paulo, uma mulher é vítima de feminicídio a cada 36 horas. E, durante a pandemia, dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública confirmaram o aumento de 22% nos registros de casos de feminicídio no Brasil.

Na maioria dos casos, o feminicídio inicia-se sempre da mesma maneira: lua de mel com carinho, paixão e liberdade, como um relacionamento saudável. Logo, evolui para uma tensão, na qual há insultos, ameaças e medo (em geral, danos psicológicos), que passa rapidamente para o estágio da agressão, representado por empurrões, sufocamentos, chutes e muitas outras formas de dor física. Quando essa sequência se repete algumas vezes, a agressão fica muito mais séria e pode até chegar à morte da vítima.



De acordo com a Agência Senado, o número de feminicídios aumentou em 22,2% no último ano

De acordo com Roseli Avila, psicóloga formada pela UNIP (Universidade Paulista), as vítimas apenas procuram ajuda quando as situações mais graves tornam-se mais frequentes e o agressor passa a usar excesso de força física e sexual. Entretanto, o adequado seria realizar a denúncia assim que os primeiros sinais de agressão são apresentados, para evitar que a violência se escale até o feminicídio.

INICIATIVAS GOVERNAMENTAIS

É dever do Estado zelar pelo bem-estar de todo e qualquer cidadão brasileiro, para isso, medidas são necessárias a fim de coibir ações que prejudiquem o outro, protegendo a saúde física e mental de seus cidadãos.

Visando resguardar a integridade da mulher, duas leis brasileiras merecem destaque: a **Lei Maria da Penha** e a **Lei do Minuto Seguinte**.

LEI MARIA DA PENHA

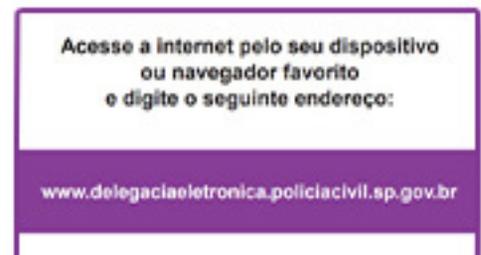
Sancionada em 7 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha defende até hoje milhares de mulheres que enfrentam a violência doméstica. Antes de sua introdução, ataques a mulheres eram considerados crimes de menor importância e tratados como banais, não só por policiais, como também pela própria justiça, uma vez que eram concedidas aos agressores penas leves como trabalhos comunitários e/ou o pagamento de cestas básicas.

Apesar de hoje serem aplicadas penas mais severas, muitos casos de violência doméstica ainda são ignorados por falta de provas, além de, muitas vezes, nem chegarem a ser relatados à polícia, já que muitas mulheres se sentem constrangidas ou com medo de denunciar as agressões. No entanto, a Lei Maria da Penha, sendo considerada pela ONU uma das três leis mais modernas do mundo, contribuiu para que essas situações sejam menos comuns.

Esse auxílio ocorre, principalmente, através da criação de instrumentos, como Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher e Centros de Referência da Mulher, os quais se mostraram extremamente eficientes na prevenção e combate à violência doméstica, não apenas protegendo mulheres que sofreram algum tipo de trauma, mas também educando a população brasileira sobre esse assunto, com o propósito de evitar casos futuros.

Além disso, a Lei nº 11.340/2006 introduziu novas políticas públicas, denominadas de **Medidas Protetivas de Urgência**, que garantem aos juízes o direito de determinar providências de acordo com as necessidades da vítima. São exemplos de medidas protetivas, "O afastamento do agressor da casa", "O depósito de valores correspondentes aos danos causados pelo agressor", entre diversas outras. Com a conquista das medidas protetivas, muitos ciclos de agressão são interrompidos, o que impede que o conflito gerado pelo agressor atinja um estado muito grave, como a morte da vítima.

Página da Delegacia Eletrônica da Polícia Civil que ensina mulheres a denunciar casos de violência doméstica por meio da plataforma on-line



LEI DO MINUTO SEGUINTE



Assim como a Lei Maria da Penha, a Lei do Minuto Seguinte é uma ferramenta de auxílio às vítimas de abuso. Pouco conhecida, essa lei oferece atendimento emergencial e gratuito para qualquer um que tenha sofrido agressão sexual. Essa assistência será garantida mesmo sem nenhum documento que comprove o caso de estupro.

Criada em 2013, essa lei incentiva cada vez mais pessoas a denunciarem o abuso. Contudo, mesmo com esse crescente incentivo e apoio, segundo o

Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), de todos os casos de estupro do país, apenas 10% são denunciados.

O Ministério Público Federal lançou, em 2018, a campanha **#leidominutoseguinTE** com a intenção de tornar a lei mais conhecida. Por meio do YouTube, diversos vídeos foram divulgados, informando o público sobre seus direitos assegurados por meio dessa cláusula. Por ter auxiliado milhares de pessoas a conhecerem seus direitos, a campanha conquistou o apoio de grandes plataformas e empresas, como Google e Facebook.

Essas leis, **Lei Maria da Penha** e **Lei do Minuto Seguinte**, foram criadas com o intuito de proteger e de resguardar os direitos de mulheres vítimas do abuso doméstico, portanto, é preciso que se tornem mais conhecidas e respeitadas pela sociedade para que a violência contra a mulher seja cada vez menos comum, já que, como afirma o projeto “Um Socorro À Meia Noite”, “Mulher bem informada é mulher empoderada”.

QUEM É MARIA DA PENHA?



Nascida em 1945, a ativista Maria da Penha Maia Fernandes formou-se em farmácia bioquímica na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal do Ceará. No ano de 1974, conheceu o colombiano Marco Antônio Heredia Viveros, com quem se casou e teve três filhas.

Concluído o mestrado, mudaram-se para Fortaleza, onde o relacionamento sofreu mudanças. Quando seu marido obteve a cidadania brasileira e atingiu estabilidade profissional e econômica, Maria da Penha e suas três filhas passaram a enfrentar atitudes violentas por parte de Marco.

Em 1983, Maria da Penha ficou paraplégica após Marco Antônio atirar em suas costas enquanto ela dormia para assassiná-la. Esse incidente foi denunciado pela vítima, mas foi esquecido ao ser considerado uma tentativa de assalto, versão inventada pelo marido.

Não bastasse isso, depois de uma série de hospitalizações, Maria da Penha foi vítima de mais uma tentativa de feminicídio, na qual Marco tentou eletrocutá-la durante o banho. Assim como no caso anterior, também foi feita uma denúncia.

Ciente de sua situação, Marco Antônio obrigou Maria a assinar uma procuração autorizando-o a agir em seu nome, copiou documentos autenticados, e se envolveu com outra mulher.

Após esses inúmeros casos de violência, os amigos de Maria da Penha ajudaram-na, oferecendo apoio jurídico e buscando um novo lar.

No ano de 1991, oito anos após o último crime, Marco Antônio foi condenado a 15 anos de prisão. Contudo, logo saiu em liberdade. Após 5 anos, o agressor foi sentenciado a 10 anos e 6 meses de prisão, mas, novamente, a sentença não foi executada, devido a irregularidades processuais.

Diante disso, em 1998, Maria da Penha, junto ao Centro para Justiça e o Direito Internacional (CEJIL) e o Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM) buscaram ajuda internacional, denunciando o caso à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA). Todavia, o Brasil, por incrível que pareça, não se pronunciou, ignorando completamente o fato.

Mas, em 2001, o Brasil foi responsabilizado por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica praticada contra as mulheres brasileiras após ser notificado por quatro anos consecutivos pela CIDH/OEA.

Assim, em 2002, é sancionada a Lei Nº 11.340, mais conhecida como **Lei Maria da Penha**, com o intuito de combater a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Por Bernardo Pessoa Mello de Lima Castro, Camila Marques Viveiro, Dante Ferreira Lisboa, Eduarda Willemann, Enzo Nielo Aragon Bento e Helena Ballei Bueloni Ferreira. Alunos do 9º Ano A.



LINGUAGEM NEUTRA:

uma medida de **inclusão?**

Recentemente, uma nova discussão tomou conta de diferentes canais de comunicação: a **linguagem neutra**. Essa nova forma de se comunicar consiste no emprego de uma terceira letra, normalmente a letra E, em diversos vocábulos da Língua Portuguesa que vá além das tradicionais letras **A** e **O** empregadas, na maioria das vezes, para o identificar o gênero feminino e o gênero masculino, respectivamente.

O intuito da inserção dessa letra neutra é evitar a particularização de gênero, possibilitando que a referência feita por meio de uma palavra seja dirigida a todos, sem necessidade de identificação binária.

Em aula, após muita pesquisa e estudos, os alunos discutiram acerca da linguagem neutra, apontando aspectos positivos e negativos de seu uso.

E você, o que pensa a respeito? A linguagem neutra é uma forma de incluir?

A FAVOR :-)

- > A existência de uma linguagem neutra permite a inclusão, por meio da língua, já que aqueles que não se identificam com o gênero masculino e/ou feminino não são obrigados a empregarem, em sua fala ou escrita, um dos dois gêneros.
- > A língua é viva, logo o sistema deve acompanhar os movimentos sociais.
- > A linguagem neutra é respeitosa, pois não impõe uma definição de gênero aos falantes da língua, respeitando a individualidade de cada um.
- > Com a possibilidade de empregar uma linguagem neutra, as pessoas não serão mais obrigadas a empregarem pronomes, artigos, adjetivos, numerais no gênero com o qual não se sentem confortáveis em se associar.
- > No início, o uso da linguagem neutra causará estranhamento, entretanto, quanto mais for utilizado, mais se tornará normal.

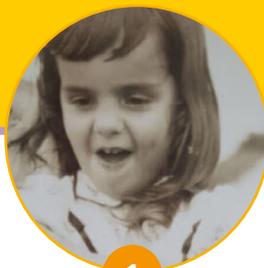
CONTRA :-)

- > A linguagem neutra é desnecessária, já que, quando a Língua Portuguesa derivou do latim, havia três definições de gênero: masculino, feminino e neutro, porém o masculino e o neutro se fundiram devido a algumas semelhanças de estruturas. Logo, é certo afirmar que a única marcação de gênero existente em nossa língua hoje, de fato, é o feminino.
- > A mudança seria muito complexa, pois nossa língua apresenta muitas classes que se flexionam em gênero, como **artigos, substantivos, pronomes, numerais e adjetivos**.
- > É necessário que haja primeiro uma mudança no pensamento social, para, só depois, haver uma adaptação na língua. A língua reflete comportamentos, mudanças.
- > Antes da tentativa do emprego da vogal **E**, experimentou-se o emprego de **@** e **X** no lugar do marcador de gênero, entretanto, não deu certo, pois constatou-se a dificuldade nos sistemas de leitura para deficientes visuais e auditivos.
- > Para que haja mudança em uma língua, é preciso que seus usuários estejam de acordo, ou seja, que haja consenso, pois, caso contrário, o sistema não funcionará, já que somente alguns empregarão as novas regras, causando problemas na comunicação.

Quem é este ou esta bebê?

Será que você é capaz de reconhecer seus professores através de suas fotos de quando eram bem pequenininhos?

Observe as imagens a seguir e tente identificar traços familiares nestas crianças. Vamos lá!



1



Ingrid

Patrícia



Beatriz



2



Luiz

Thiago



André



3



Patrícia

Nazaré



Tatiana



4



Simone

Thiago



Eloy



5



Tatiana

Gisele



Karla



6



Bruno



Telma



Luiz



7



Liliana



Maria Helena



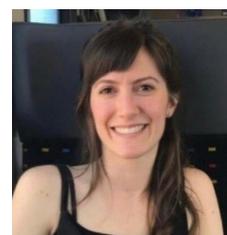
Mônica



8



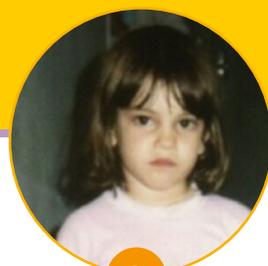
Priscila



Mariana



Gisele



9



Renata



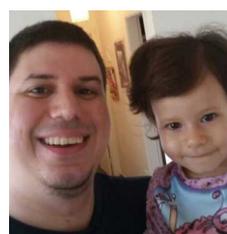
Neusa



Maria Carolina



10



Gustavo



Rachel



Claudine

RESULTADOS

Se você teve de **1 a 3 acertos**: Entrou agora na escola, né? Só pode ser! Você precisa trabalhar mais suas habilidades de reconhecimento facial e sua memória.

Se conseguiu de **4 a 7 acertos**: Olha... tá OK! Você deve estar na escola há mais tempo, porém você poderia ter ido melhor. Deve prestar mais atenção em seus mestres.

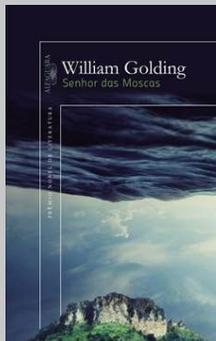
Se obteve de **8 a 10 acertos**: Parabéns! Você é um expert! Certamente estuda no Colégio Vértice há séculos e, com certeza, já viu esses professores várias vezes.

Por Eduarda Willemann, Enzo Nielo Aragon Bento, Gabriel Gubessi Badra Sallum, Helena Ballei Bueloni Ferreira, Rafael Avarez de Carvalho Ruthes e Vitor Mendonça de Souza Silva

Gabriel: 1; Beatriz: 2; Thiago: 3; Nazare: 4; Thiago: 5; Tatiana: 6; Telma: 7; Mônica: 8; Mariana: 9; Maria Carolina: 10; Gustavo: 10

para ler...

METAMORFOSE



A obra *Senhor das Moscas* foi escrita pelo soldado aposentado da marinha e ex-professor de filosofia de um colégio restrito a garotos, William Golding, vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1983. Publicado pela primeira vez em 1954, vendeu mais de 25 milhões de cópias só na língua inglesa; foi adaptado duas vezes ao cinema e é leitura obrigatória nas escolas dos Estados Unidos, o romance é referência política em vários países do mundo. O cenário histórico em que o livro foi escrito reflete muito seu enredo, Golding havia acabado de retornar da Segunda Guerra Mundial

como tenente da Marinha Real e a bordo da colossal embarcação britânica, o "Destroyer", quando se viu mais uma vez em meio a um possível conflito entre as duas maiores potências da época, Rússia e Estados Unidos, que marcaram a Guerra Fria.

Tais acontecimentos fizeram o escritor refletir sobre uma das maiores questões existenciais já discutidas pela sociedade, a natureza do homem. Seria o ser humano um animal feroz em uma busca implacável pelo poder? Reflita enquanto é envolto por uma narrativa aveludada sobre um grupo de garotos sobreviventes de um acidente aéreo, que, agora devem se organizar e lutar por suas vidas.

Após verem a aeronave que estavam a bordo despencar do céu em uma ilha isolada no oceano, os alunos de uma escola exclusiva para garotos devem se organizar de modo que todos desempenhem uma determinada função, como a caça, a construção de abrigos e garantir que a fogueira esteja sempre acesa. Para isso, elegem um líder que zele por todos, sendo o centro da sociedade que ali iriam criar, porém outros garotos começam a se sentir desamparados, já que o líder nem sempre representa suas vontades. Dessa forma, a democracia, antes representada por uma concha, começa a se desgastar, e os personagens começam a se conflitar e, aos poucos, vão revelando sua verdadeira face. A aura dos garotos, que antes era pura e inocente, é metamorfoseada em algo selvagem e obscuro.

A obra de Golding é viva, podendo ser aplicada em qualquer época da história política mundial, já que aborda temas imprescindíveis para a construção de uma civilização. Sendo cativante do início ao fim, a obra contará com momentos de tensão e desconfiança, tentando surpreender o leitor a todo momento. Toda essa narrativa é acompanhada por um ar misterioso e de dúvida por parte do leitor, já que o autor, ao longo da história, questionará, de maneira indireta, a natureza do ser humano, colocando-o em um impasse. Sem dúvida o livro é indispensável na estante de qualquer leitor assíduo que adora uma boa reflexão e um clímax de cair o queixo.

» FICHA TÉCNICA

TÍTULO: SENHOR DAS MOSCAS

AUTOR: WILLIAM GOLDING

TRADUTOR: SERGIO FLAKSMAN

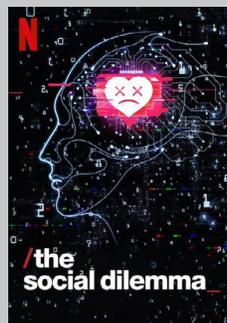
NÚMERO DE PÁGINAS: 224 PÁGINAS

EDITORA : ALFAGUARA

Por Dante Ferreira Lisboa. Aluno do 9º Ano A.

para assistir...

CONTROLE INVISÍVEL



Nos dias de hoje, não é novidade para muitos que as redes sociais monitoram e controlam fortemente seus usuários, porém esse problema pode ser muito mais grave do que pensamos. Com uma direção atrativa de Jeff Orlowski, *O Dilema das Redes* (*The Social Dilemma*) aborda relatos de ex-funcionários de grandes redes sociais, como Facebook e Twitter, que guiam o telespectador dentro do universo obscuro dessas mídias.

Não se restringindo a uma premissa ousada, o documentário conta também com depoimentos impactantes junto a atores muito bem coordenados com o roteiro, levando seu público a se questionar e a se identificar constantemente ao assisti-lo. O maior destaque do elenco vai para o ator Skyler Gisondo, no papel do personagem Ben, que traz em sua atuação um comportamento triste e apático, ilustrando muito bem, um escravo das grandes mídias sociais.

Entre inúmeros acertos, o grande mérito de *O Dilema das Redes* vai para sua principal crítica, o desejo insaciável de empresas bilionárias pelo lucro, pois, como dito por Tristan Harris, "Nós somos os produtos dessas redes sociais". Dessa forma, essas empresas não se preocupam com os diversos problemas que suas atitudes podem causar a seus usuários, como problemas em sua saúde mental, na política de seus países, na disseminação de notícias falsas, entre tantos outros danos sociais, emocionais, econômicos e políticos.

Todavia, assim como qualquer obra, em que há acertos, sempre haverá erros. Mesmo se intitulando como um documentário informativo, em inúmeros momentos da parte narrativa do filme ele passa mais a sensação de um drama do que um viés informativo, perdendo parte de seu título de documentário.

Mesmo imperfeito, caso você esteja curioso(a) sobre o quão grande é o controle das redes sociais sobre nós, *O Dilema das Redes* é uma ótima recomendação para assistir em seu tempo livre.

» FICHA TÉCNICA:

DIREÇÃO: JEFF ORLOWSKI

ROTEIRO: JEFF ORLOWSKI, DAVIS COOMBE, VICKIE CURTIS

MÚSICA COMPOSTA POR: MARK A. CRAWFORD

FIGURINO: SUZIE FORD, MELISSA KARSH

PRODUÇÃO: EXPOSURE LABS

CINEMATOGRAFISTA: JOHN BEHRENS, JONATHAN POPE

DURAÇÃO: 94 MINUTOS

LANÇAMENTO: 9 DE SETEMBRO DE 2020

NACIONALIDADE: EUA

GÊNERO: DOCUMENTÁRIO SOBRE CIÊNCIA E NATUREZA

Por Isabela Yumi Sampei, Isabelle Rappaport, Julia Uyeda Ogawa, João Paulo Girão Hawthorne, Miguel Bernáth Liao e Rafael Solér Silva.

para ouvir... _____

UMA DESPEDIDA...



O *single* lançado em 2020, *Death Bed*, composto por *Powfu*, viralizou em diversas plataformas on-line devido a sua melodia tranquila e prazerosa. Porém, quando paramos para ouvir atentamente a letra que há por trás do *hit*, há uma mudança de percepção, pois se trata de uma história que, embora fictícia, é de comover seus ouvintes.

comover seus ouvintes.

A música, por ser extremamente emotiva, faz-nos esquecer dos romances clássicos, como "Romeu e Julieta" e "Titanic", devido à declaração feita. Dois apaixonados tomarão rumos opostos, devido a um ato inevitável da vida: a morte.

A história se trata de um jovem que, em seu leito de morte, despede-se da pessoa amada. Durante a música, o jovem pede perdão por todos seus erros e espera que o amor de sua vida encontre alguém para amar e ser feliz quando ele partir.

Após declarar suas últimas palavras através da canção, o jovem não lamenta a morte, mas, sim, o fato de não poder envelhecer ao lado de quem ama. Porém, sente-se grato por tê-la em sua vida, mas lastima por sua trajetória ter que acabar.

Dito isso, a nosso ver, a música traz um sentimento de empatia pelo jovem que está prestes a morrer e, ao mesmo tempo, uma sensação de angústia pela amada que será deixada. Todavia, mesmo possuindo uma letra melancólica, a música traz um ritmo e uma melodia agradáveis, adequando-se a diversos momentos.

» FICHA TÉCNICA

TÍTULO DA MÚSICA: DEATH BED

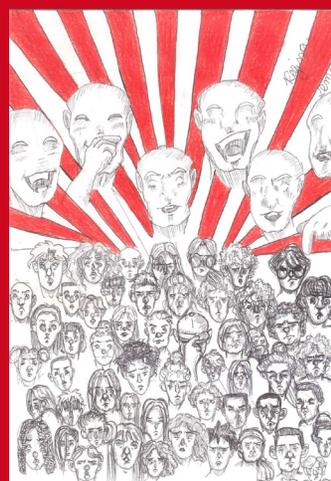
ARTISTA: POWFU, BEABADOOBEE

GRAVADORA: COLUMBIA

ANO DE LANÇAMENTO: 8 DE FEVEREIRO DE 2020

DURAÇÃO APROXIMADA: 2H50

Por Ana Luisa Natrielli, Débora Castanheira Barbosa, Gabriela Gianini Luz, Julia Dente Fernandes, Katherine Warwick Parker de Sá Leitão, Laura de Almeida Rodrigues.



SÓ MAIS UMA PIADA

Meu pai sempre gostou de piadas, cresceu assistindo aos Trapalhões e ao Chico Anísio; pulava carnaval ao som de "A pipa do vovô não sobe mais" e "Olha a cabeleira do Zezé". Hoje o pego rindo, ouvindo os *sketches* de Fábio Rabin que tem mais de 854 mil inscritos no Youtube; infelizmente, meu pai faz parte dos intitulados "tios do pavê", aqueles que perdem o amigo, mas não perdem a piada. "Ele é de outra geração, tenha paciência!", é o que a minha mãe vive repetindo quando fico indignada com algumas falas maldosas e preconceituosas que, para meu pai, são normais. Me pergunto se na época do meu pai tudo era permitido. Não havia limites para "brincadeiras" sem graça?

Em tese, percebo que não existia, já que piadas sobre raça, gênero, sexualidade e religião eram repetidas tantas vezes que passaram a fazer parte do cotidiano. Então, por que contadas hoje são tão reprendidas? Talvez porque a mídia escancarou o tom ácido de deboche que incentiva o ódio e a discriminação de minorias, mote das piadas contadas principalmente por comediantes mais preocupados em chocar do que em realmente apresentar algo criativo e inteligente.

Quantas polêmicas já não foram criadas pelos "comediantes de ocasião" que abusam de piadas realmente ruins ou meramente grosseiras se valendo da "liberdade de expressão"? O que dizer de "piadas" como esta, contada pelo grupo de *stand-up 4 Amigos*, "Meu pai ensinou o segredo para ter um bom casamento. Sabiam, senhoras e senhores?! Agora só preciso achar uma mulher igual a minha mãe: que apanhe quieta", que horrorizam até mesmo meu pai? São pessoas que se autointitulam humoristas e aproveitam-se de piadas ofensivas na tentativa de alcançar popularidade.

Porém, com o uso da Legislação, a polêmica é limitada a partir do ponto em que ofende terceiros e causa-lhes danos. Mas a lei é subjetiva e sempre apresenta brechas, pois aquele que ofende jamais admite tratar-se de um insulto, defendendo com unhas e dentes que se trata de uma simples "brincadeirainha".

Dessa forma, muitos processos de fato são abertos contra humoristas que, supostamente, ultrapassaram seus limites. Entretanto, a grande maioria desses engraçadinhos sem graça ainda ganha a causa na justiça, o que incentiva, na população, a ideia de que, para o meio jurídico, toda essa discussão é só mais uma piada!

Por Arthur Moraes Silvestre, Gabriel Tomio Kuroiva Sato, Regina Lemmi e Sophia Pazos da Silva. Alunos do 9º Ano C. Ilustração de Regina Lemmi.



Qual a profissão ideal para você?

Algumas pessoas crescem com a certeza da carreira que pretendem seguir no futuro. Outras consideram esta decisão complexa, o que ainda gera bastante estresse, afinal, a profissão exige conhecimentos, capacidades e comportamentos para um bom desempenho.

Com base nisso, elaboramos este quiz para que você possa refletir e ter uma noção de qual é a profissão ideal para você.

1. Em seu tempo livre, você prefere:

- a. Jogar xadrez, dama, cartas ou algo do tipo;
- b. Ler ou escrever, de preferência em um local calmo;
- c. Ficar em contato com a natureza;
- d. Se relacionar com outras pessoas;
- e. Dançar, cantar ou ouvir música.

2. Para você, qual é o principal uso da internet?

- a. Jogos;
- b. Notícias;
- c. Uso para pesquisar diversos assuntos;
- d. Comunicação;
- e. Redes sociais.

3. O que você considera mais importante em uma pessoa?

- a. Inteligência;
- b. Determinação;
- c. Gênio;
- d. Experiência;
- e. Criatividade.

4. Qual é a sua matéria preferida?

- a. Matemática/ Física;
- b. Português;
- c. Biologia;
- d. Geografia;
- e. Artes.

5. Qual série você prefere?

- a. Scorpion;
- b. Merli;
- c. Grey's Anatomy;
- d. Suits;
- e. Abstract.

6. Que tipo de leitura você prefere?

- a. Livros de astronomia e cálculo;
- b. Livros clássicos;
- c. Livros sobre saúde e estilo de vida;
- d. Livros de mistério/ suspense;
- e. Livros de design, fotografia e moda.

7. As pessoas dizem que você é:

- a. Muito racional;
- b. Carinhoso(a), adoro demonstrar sentimentos;
- c. Empático(a);
- d. Gentil, mas adoro me impor;
- e. Bem extrovertido(a).

8. Se você fosse fazer um estágio de 6 meses, você procuraria algo em que você pudesse:

- a. Aprimorar seu conhecimento;
- b. Ensinar alguém;
- c. Cuidar de alguém;
- d. Defender alguém;
- e. Usar livremente sua criatividade.

9. Em qual matéria você tem mais facilidade?

- a. Matemática / Física / Química;
- b. Português / História;
- c. Biologia;
- d. Geografia;
- e. Artes / Teatro.

10. Antes de realizar uma ação, você normalmente:

- a. Analisa as vantagens;
- b. Reflete com base em experiências anteriores;
- c. Pensa nas possibilidades futuras;
- d. Pensa nas consequências;
- e. Age por impulso.

11. Geralmente, você confia mais em sua:

- a. Lógica e raciocínio;
- b. Costumes;
- c. Compreensão imediata;
- d. Intuição;
- e. Razão.

12. Com qual celebridade você mais se identifica:

- a. Marie Curie;
- b. Sócrates;
- c. Oswaldo Cruz;
- d. Sérgio Moro;
- e. Tarsila do Amaral

Resultados

Se a maior parte das respostas assinaladas foi A, você provavelmente ama a Matemática e seguirá uma carreira de exatas, como Engenharia Física, Química ou Computação.

Se a maior parte das respostas assinaladas foi B, você provavelmente seguirá uma carreira de humanas. Logo, seus trabalhos serão focados nas áreas de Letras, Filosofia.

Se a maior parte das respostas assinaladas foi C, você provavelmente é apaixonado(a) por Biologia e busca ter uma profissão futura relacionada à Medicina, Veterinária...

Se a maior parte das respostas assinaladas foi D, você provavelmente é amante de política, dessa forma, o ideal é seguir uma carreira que possibilite o trabalho com leis, como o Direito.

Se a maior parte das respostas assinaladas foi E, você provavelmente é muito criativo(a) e, no futuro, seguirá uma profissão relacionada a design ou a artes plásticas.

Por Amanda Fernandes da Silva Vellozo, Camila Marques Viveiro, Felipe Gabriel Monteiro Oliveira, Lucas Valadares Bopp, Manuela Mesquita Catalan e Pedro Hessel Nogueira. Alunos do 9º Ano A.

Alunos participantes desta edição



9º ANO A: AMANDA FERNANDES DA SILVA VELLOZO | ANNA CLARA MAGALHÃES FREIRES | BERNARDO PESSOA MELLO DE LIMA CASTRO | BRUNA CHIE TAKATA ADACHI | CAMILA MARQUES VIVEIRO | CAROLINA FORTUNA HOCHHEIMER | CAROLINA RIBEIRO COCCO | DANIELA GHIRGI MARRONE RIBEIRO | DANTE FERREIRA LISBOA | EDUARDA WILLEMANN | ENZO NIELO ARAGON BENTO | ERIC DA PALMA TSAI | GUSTAVO GONÇALVES BENEDETTI | HELENA BALLEI BUELONI FERREIRA | HELENA COIMBRA MAESANO | HENRIQUE RIBEIRO DO VALLE ARMOND | IBRAHIM GABRIEL ALVES SAYED | JÚLIA FERRAGUT FRENEDA | KEVIN SU | LEONARDO KYUNG WOO KIM | LUANA SCHWERY COMAZZETTO | LUCAS AUGUSTO GAZOTTI | LUCAS VALADARES BOPP | MANUELA MESQUITA CATALAN | MARINA FEITOSA DE CARVALHO E ESCOBAR | MATEUS MOTA ORTIZ | MIGUEL BERNÁTH LIAO | PEDRO ABUJAMRA DAMBERG | PEDRO HESSEL NOGUEIRA | RAFAEL ALVAREZ DE CARVALHO RUTHES | RAFAELA ANTUNES RODRIGUES | VALENTINA GIRÃO FARAGONE | 9º ANO B: ALEXANDRE SUAREZ DE AZEVEDO | ANA JULIA MARTINS FIGARO | ANA MARIA MARINHO ARRUDA | BRUNA BACCANI GARCIA | CRISTINA YI TING CHENG | DEBORA CASTANHEIRA BARBOSA | EDUARDO WILBERT ZAPPA FIALDINI | FELIPE BATTAGLIO ZANATTA | FELIPE SCANDIUZZI COZAC DE OLIVEIRA | GABRIEL RABELO FERRETTI | GABRIEL THALES DOS SANTOS MAROUF | GABRIELA GIANINI LUZ | GUILHERME YOSHIDA NIERI | GUSTAVO DE MIRANDA TERUYA | JOÃO PAULO GIRÃO HAWTHORNE | JULIA DENTE FERNANDES | JULIA WISNIK CORTE | LARA BORTOLETO DE IUDICIBUS | LAURA FANTAGUSSI SASSO | LUCA DAMICO TERADA | LUIGI DALANEZE GOMES | MARCELA DE MELLO ASSI | MARIA IGNEZ CHRISTE ADORNO SCANAVACA | MARIANA CARNEIRO TRALDI | PEDRO DE PAULA EDUARDO | RAFAEL COIMBRA MAESANO | RAFAEL SOLÉR SILVA | RENATA TUMA ROUHANA | ROBERTO CHAMMAS SASDELLI | SOFIA GUALBERTO MARTINS FERREIRA | THÉO DAHER BRUNO | VICTORIA PEREIRA SILVEIRA | YASMIN FRADE SAMMARCO VALARELLI | YASMIN HAIEK ROCHA | | 9º ANO C: ANA LUÍSA DE MELO NATRIELLI | ARTHUR DO AMARAL CANABRAVA DAMAS | ARTHUR MORAES SILVESTRE | BRUNO MARTINS BIAGIONI | EDUARDA BAGGIO CALIMAN | ENRICO CAVAGNARI RIGOBELLO DE OLIVEIRA | ENZO BLANDY BROCKES | FELIPE GABRIEL MONTEIRO OLIVEIRA | GABRIEL GUBEISSI BADRA SALLUM | GABRIEL TOMIO KUROIVA SATO | GIOVANNA BEGLIOMINI REIS LOBO | GIOVANNA RITA COUTO BEZERRA LEITE | HENRIQUE DE SOUZA ADRI | ISABELA YUMI SAMPEI | ISABELLE RAPPAPORT | JOSÉ ALVES WIPFLI | JÚLIA BIAZETTI ARMANI | JULIA UYEDA OGAWA | KATHERINE WARWICK PARKER DE SÁ LEITÃO | LAURA DE ALMEIDA RODRIGUES | LUIZ FELIPE DE MORAIS VIEIRA BRANDÃO | MARIA EDUARDA LINS DE ALBUQUERQUE JORDAN | MATEUS CHIBA KAMERGORODSKY | MIRELLA GARCIA POLYCENO BERNARDES | NORTON LUKA PEDROTI SAYEG | PEDRO PAULO MENDONÇA CARNEIRO | PEDRO RODRIGUES SANTOS | REGINA LEMMI | SERGIO DALL AQUA BARBOSA | SOPHIA PAZOS DA SILVA | VIKTOR LEV CURY KOLOSZUK | VITOR MENDONÇA SOUZA SILVA | VITÓRIA YOO GUIMARÃES



www.colegiovertice.com.br